Revista 2 de JULHO

SÓ O AMOR CONSTRÓI

CAETITÉ, BAHIA - 2025

3° Edição



O Sertão nas lutas pela independência

SÓ O AMOR CONSTRÓI

CAETITÉ, BAHIA - 2025

EXPEDIENTE

REVISTA DO DOIS DE JULHO

O Sertão nas lutas pela independência
3ª Edição, Caetité: julho, 2025

PRODUÇÃO
Prefeitura Municipal de Caetité
Secretaria Municipal de Educação
CNPJ: 30.922.940/0001 07
Centro Administrativo de Caetité, 1000, Bairro Prisco Viana, Caetité/BA
E-mail: educacao@caetite.ba.gov.br
Telefone: (77) 99994-2460

PREFEITO
Valtécio Aguiar

VICE PREFEITO
Walmique Trindade

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO
Jorge Antônio dos Santos

DIRETORIA DO NEAF
Mônica Batista Nogueira

COMISSÃO ORGANIZADORA
Fernanda de Oliveira Matos
Maria José Couto Gonçalves

REVISORA DE TEXTO
Samara Gomes Aguiar

COLABORADORES:
Acadêmico Romilton Ferreira de Souza
Adv. André Luiz Gomes Koehne
Fundação Pedro Calmon
Profa. Dra. Fernanda de Oliveira Matos
Prof. João de Oliveira Chaves Neto
Profa. Kyara Kelly Rodrigues Santos Maia
Prof. Me. Marcos Fernandes Silva
Profa. Me. Maria José Couto Gonçalves
Prof. Me. Telma Rebouças de Almeida
Prof. Dr. Zezito Rodrigues
Marinha do Brasil – Ag. Fluvial de Bom Jesus da Lapa

GANHADORES DO CONCURSO ARTÍSTICO LITERÁRIO DO DOIS DE JULHO
Edynara Caldeira França – E. M Mem de Sá
Thauany Beatriz Barbosa – E. M. José Marques dos Santos
Cássio Renan da Silva – E. M. Maurício Gumes
Emanuelle Lopes Santos – E. M. Vereador Clemente Ferreira de Castro
Carlos Eduardo Barbosa da Silva – E. M Prof. Emiliana Nogueira Pita
José Aparecido dos Santos – E. M. Zelinda de Carvalho Teixeira
Maria José do Prado – E. M. Dom Manoel Raimundo de Mello

GRUPOS DE MONTARIA
Grupo de Montaria Burro Preto
Grupo de Montaria Palmeira
Grupo de Montaria Anguá
Grupo de Montaria Umbuzeiro
Grupo de Montaria Cowboy da Estrada
Grupo de Montaria Rancho do Cowboy
Grupo de Montaria Cavalo de Fogo
Grupo de Montaria Santa Bárbara
Grupo de Montaria Amigos de Maniaçu
Grupo de Montaria Haras Maracaibo
Grupo de Montaria Ipiranga
Grupo de Montaria Guerreiro da Paz
Grupo de Montaria Haras da Irmandade
Grupo de Montaria Rédea Curta

GRUPOS DE MONTARIA FEMININO
Grupo de Montaria Feminino Lara Fernandes
Comitiva Feminina Patroas na lida

CAPA
Sr. José Domingos da Silva (Diu)
75 anos morador da Comunidade de Arrecife – Lagoa Real
FOTO: DIRECOM – Prefeitura de Caetité
Desfile de Dois de Julho 2024

IMPRESSÃO E DIAGRAMAÇÃO
Gráfica Caetité / Nataniel Vieira (Tiel)

*A responsabilidade dos trabalhos publicados é exclusivamente dos seus autores.

APRESENTAÇÃO

É com entusiasmo que apresentamos à Comunidade Caetiteense, a terceira edição da Revista do Dois de Julho. Ela se constitui um dos produtos resultantes do Projeto Dois de Julho desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação em comemoração à Independência da Bahia.

Em meio a uma série de possibilidades de conteúdo histórico e memorial desta data cívica e da centenária Festa de Dois de Julho em Caetité, separamos alguns, para comporem essa edição.

Ela contém uma misto de produções intelectuais sobre o fato histórico em questão bem como visões, curiosidades e memórias escritas por pessoas e entidades que participam dessa festividade tradicional de Caetité.

Também compõem essa Revista as produções artísticas e literárias frutos do estudo e das atividades desenvolvidas pelas Unidades de Ensino da Rede Municipal sobre o tema em questão. Através delas, conhecemos o trabalho executado por formadores, gestores, coordenadores e professores junto aos alunos da rede. Elas dão um toque especial às páginas desta obra com o que há de conhecimento mais concreto e significativo produzido no chão da sala de aula e da escola deste município sertanejo.

Sertão, que neste ano de 2025, tornou-se o tema principal das atividades desse projeto.

Um tanto invisibilizado pela distância e pela dificuldade de acesso, o Sertão não se eximiu da conjuntura de guerra instalada na capital da Bahia e nas cidades do recôncavo em 1823, ao contrário, esteve presente de muitas formas naquele contexto.

Neste sentido, nada mais justo do que dedicar olhares mais atentos ao " Sertão nas lutas pela independência".

Assim o fizemos ao propor um estudo sobre a participação sertaneja no processo de independência da Bahia bem como sobre que lugar é esse e o que ele representa para os seus.

Em consonância com este tema, nesta edição, escolhemos lançar luz sobre o sertanejo que participa da Festa do Dois de Julho de Caetité, montado. Por isso, os leitores encontrarão aqui, um texto especial sobre os Grupos de Montaria que atualmente participam desses festejos.

Este texto é, em sua essência, o resultado de um trabalho colaborativo realizado pela Secretaria Municipal de Educação juntamente com os Grupos de Montaria que aceitaram o convite para compartilhar conosco suas histórias.

Eles nos apresentaram aspectos da festa que nem todos conhecem, nos expuseram muitos caetiteense apaixonados por cavalos que, em muitos casos, fazem disso seu ganha pão e sua diversão e que no dia Dois de Julho se vestem de civismo para celebrar a Independência da Bahia com orgulho.

Assim, esta edição convida a todos para um passeio pela história da Independência da Bahia, pela participação do Sertão nesse processo e pelas memórias de muitos dos que participam das comemorações realizadas em Caetité.

Comissão Organizadora



AO LEITOR

Celebrar o Dois de Julho é, para nós caetiteenses, muito mais do que recordar uma vitória histórica da Bahia. É reafirmar o espírito de um povo que, mesmo distante do litoral e dos centros do poder, sempre esteve presente nas grandes decisões da nossa história. É lembrar que o Sertão não foi coadjuvante no processo da independência — foi protagonista. E é com esse sentimento que abrimos esta edição especial da revista do Dois de Julho de 2025.

Este ano, escolhemos como tema central **"O Sertão nas lutas pela independência"**, uma escolha que nasce do compromisso em valorizar nossa identidade, cultura e a importância estratégica e simbólica de Caetité no cenário da Bahia e do Brasil. Nossa cidade, com sua localização privilegiada, suas tradições vivas e seu povo consciente, sempre foi um elo entre o interior e o mundo. Foi daqui que partiram mantimentos, armas, apoio político e esperança para aqueles que combatiam no Recôncavo. Foi daqui que se levantaram vozes e atitudes que mostravam que o Sertão também lutava, resistia e sonhava com um Brasil livre.

Não podemos esquecer também, da presença firme das **mulheres sertanejas** nessa trajetória. Muitas vezes invisibilizadas pelos registros oficiais, elas foram sustentação e coragem nos bastidores e nas frentes de luta: mães, filhas, companheiras, lavradoras, parteiras, líderes de suas famílias e de suas comunidades. São essas mulheres que hoje seguem construindo o futuro de Caetité com a mesma força de quem costurou bandeiras, cuidou de feridos e manteve viva a chama da liberdade.

A revista que vocês têm em mãos é fruto de um trabalho coletivo, construído com dedicação pelas escolas da nossa Rede Municipal, por professores, alunos, artistas e pesquisadores. É também resultado de uma gestão que acredita que educação e memória caminham lado a lado. Não se trata apenas de celebrar uma festa tradicional, mas de mergulhar em nossas raízes, reconhecer o valor do nosso povo e formar cidadãos conscientes de sua história e de seu papel no presente.

Como prefeito desta terra, filho de um Sertão que me ensinou a ser simples e a lutar com dignidade, me orgulho em ver Caetité transformar conhecimento em identidade e festa em formação. O Dois de Julho aqui é mais do que uma comemoração: é um ato de afirmação cultural, é resistência viva, é aprendizado contínuo.

Que esta revista seja fonte de inspiração, de estudo e, sobretudo, de orgulho. Que cada página nos ajude a compreender que a liberdade pela qual tantos lutaram no passado, ainda hoje nos exige coragem, união e compromisso com a justiça social.

Caetité segue em frente, com as raízes firmes no chão da história e os olhos voltados para o futuro.

Valtécio Aguiar
Prefeito de Caetité



AO LEITOR

É com grande satisfação que entregamos à comunidade caetiteense a terceira edição da Revista do Dois de Julho, neste ano em que lançamos luz sobre a participação do "Sertão nas lutas pela independência"

Pesquisas e pesquisadores atuais vêm indicando a participação histórica do Sertão nos movimentos de resistência que culminaram em 1823.

Estudos como esses mostram que o sertão e mais especificamente Caetité, esteve presente em vários episódios relevantes da história da Bahia, não se omitiu ao processo das lutas que garantiram a independência e mantém viva a memória desses acontecimentos na festividade de Dois de Julho.

Ao encontro deste assunto relevante, o projeto desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação, vai muito além do dia Dois de julho e não se reduz ao desfile cívico. Ele inicia com atividades pedagógicas planejadas e executadas pelo NEAF em parceria com a Escolas da Rede Municipal de Ensino e se encaixam em sua proposta de educação patrimonial que visa a valorização das tradições e festividades locais entendendo-as como patrimônio imaterial da cidade e, portanto, elemento fortalecedor da identidade local.

Neste contexto, encontra-se essa revista, desenvolvida com o objetivo de apresentar produções textuais de diversas tipologias sobre o tema em questão, dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pela Rede através do Concurso Artístico Literário do Dois de Julho e registrar a memória da Festa do Dois de Julho de Caetité.

Neste ano, em especial, nos debruçamos sobre a memória dos Grupos de Montaria, que há mais de três décadas participam da festa de Dois de Julho dando a ela um caráter particular e promovendo também o reconhecimento e a valorização da cultura sertaneja e da ludicidade simbolizada pela presença de milhares de cavalos pelas ruas de Caetité.

Enfim, o Dois de Julho de Caetité é um momento oportuno para a realização de atividades de cunho pedagógico, cívico, popular e cultural que contemplam o fato histórico em questão ao mesmo tempo em que o resignifica em um movimento no qual passado, presente e futuro se conectam e se intercruzam fortalecendo a memória e a identidade desse lugar.

Essa Revista é um espaço para esse movimento e por isso estamos felizes com o lançamento de mais essa edição.

Jorge Antônio dos Santos
Secretário Municipal de Educação





Desfile Cívico Dois de Julho, 2024

NA ROTA DOS VENTOS LIBERTÁRIOS NO SERTÃO BAIANO

Telma Rebolças

O Sertão é dentro da gente
(Guimarães Rosa)

A história de todo o povo é marcada por momentos de estagnação, de progresso, de retomada, de resistência, de conformidade, de vaivém constante em movimentos que podem ser entendidos como ciclos formativos próprios da sociedade. Tendo como ponto de vista o Sertão da Bahia, sua historiografia nos remonta ao contexto colonizador. Nele, a força do mais forte, como costuma acontecer, se impunha sobre um povo dominado com fins específicos para a incessante lucratividade de alguns grupos privilegiados socialmente, nesse caso, o colonizador. Pode-se dizer que nas configurações atuais de sociedade não se tem muita transformação nesse sentido, talvez seja possível pensarmos no sistema capitalista, no qual estamos imersos queiramos ou não, como o moderno paradigma da figura do colonizador. Isso porque ele tem ditado as regras que movimentam a engrenagem do mundo, quebrando barreiras globais e fazendo suas imposições amparadas, em muitos casos, por surpreendentes inovações tecnológicas. O sentimento de pertencimento a esse tempo que vivemos habita nos corpos daqueles que insistem em acreditar em justiça social e em um livre pensar, em que o ser humano pode ser ele mesmo, afirmando e reformulando seu jeito de ser, de viver e de interagir em situações diversas da vida, que via de regra, devem emergir de suas livres escolhas.

Os processos libertários são extremamente importantes enquanto marcos de mudanças sociais. Então, podemos entendê-los como uma das possíveis rotas que dão acesso à construção de uma sociedade que tenta se equilibrar nos princípios democráticos garantidos constitucionalmente. Entretanto, desrespeitados em uma prática cidadã que não tolera diferenças dos mais diversos tipos, desde a cor da pele, ao gênero, à condição social até o pensamento divergente daqueles que se vangloriam de estarem sempre com a razão. O sertão se insere nessa discussão como um lugar de confluências, por ser a extensão do litoral, apresenta em seu cerne a aridez de um ambiente de raras chuvas, a invisibilidade própria de um espaço que aparentemente exibe a seca, a miséria e o atraso de um povo com o dedo ainda manchado pelo carimbo do analfabetismo. Ao mesmo tempo, contraditoriamente, o sertanejo baiano compartilha com os seus pares a delicada emoção de pisar em uma terra sagrada e respirar um ar encantado por múltiplas e inquietantes manifestações naturais e culturais.

O poder encantatório do rico espaço sertanejo ultrapassa explicações científicas no campo da biologia, com o exemplo das características próprias da caatinga em sua rica vegetação que se adapta a longos períodos de condições climáticas secas e quentes. Há que se ressaltar o fato de pouquíssimas chuvas serem capazes de pintar de verde um semiárido completamente ressequido, mas que quase em um átimo renasce em cores vibrantes e preenche os campos e estradas com exuberante beleza e contentamento contagiante. Esse poder chega ao literário com um imaginário capaz de fazer com que o grande escritor mineiro João Guimarães Rosa se dedique a essa temática e reconstrua o homem-espaço-sertanejo com toda a sua força e sensibilidade que independem das agruras da vida. Com isso, ele publica, em 1956, uma das maiores obras da literatura brasileira – Grande Sertão: Veredas. Poderiam ser citados aqui muitos outros autores, tal como Euclides da Cunha, que saindo do Rio de Janeiro, sua terra natal, vai acompanhar em missão jornalística o conflito armado ocorrido no final do século XIX no Sertão da Bahia, a Guerra de Canudos, que resulta em uma das mais importantes obras literárias brasileiras – Os Sertões – publicada em 1902. Vale salientar que essa obra é dividida em três partes: a terra, o homem e a luta e é considerada um livro-reportagem sobre esse fato na história do Brasil, em resistência do povo sertanejo contra a República recém-instalada e os ditames do coronelismo.

Seguindo a rota dos ventos libertários, temos a poeticidade própria do espaço sertanejo. Ela pode ser esteticamente sentida em uma delicada flor que nasce entre os abrasadores lajedos, exibindo cores, perfumes e formas várias que encantam os olhos e os corações daqueles que a contemplam num piscar dos olhos que seja. Entre essas grandes pedras que servem como metáfora da injustiça social temos o surgimento de uma flor, que é metáfora da esperança. Essa esperança que não se constitui na passividade e aceitação frente às conhecidas e repetidas injustiças, mas no ato de desbravamento, de luta e de resistência de um povo com suas múltiplas crenças, com suas aspirações, suas necessidades, sua arte, enfim, com sua história sociocultural. Esse povo tem direito a existir, a ser e a ocupar o seu ou outros espaços com dignidade. A literatura de cordel do Sertão da Bahia, como autêntica manifestação artística de um povo, dá voz às pessoas que, inseridas ou não no mundo letrado, inscrevem-se nos versos que ora são autobiográficos, ora são frutos de uma enorme capacidade inventiva que tem o ser humano revestido de poesia.

Desafiado a lutar por sua alteridade enquanto sertanejo-no-mundo e o mundo-no-sertanejo, o poeta de cordel recria muitas temáticas, uma delas é sobre a figura de Lampião, um valente cangaceiro, que alguns afirmam ter passado com seu bando no Sertão da Bahia no início do século XX. Muitos versos em cordel foram escritos e performatizados nas feiras livres das pequenas cidades do interior baiano, bem como em outros estados do Nordeste. Ainda hoje, cabe ao olhar atento da perspectiva do leitor considerar o rei do cangaço como herói ou bandido. No livro de cordel biográfico – O Sonho de Lampião – de Penélope Martins, escritora paulistana, e Marco Haurélio, escritor e cordelista do Sertão da Bahia, há uma mistura entre ficção e fatos comprovados ou não, que

continuam a despertar o interesse sobre esse personagem emblemático e temática inspiradora e histórica.

Literalmente na rota desses ventos libertários, os tempos atuais comprovam as potencialidades naturais do Sertão da Bahia, notadamente em Caetité, Igaporã e Guanambi, região onde se tem um dos maiores Complexos Eólicos da América Latina. Essa modalidade energética, a energia do vento, é conhecida como energia limpa, por gerar menores impactos ambientais e por diversificar as matrizes que garantem o consumo da energia do país de modo cada vez mais eficaz. Trata-se de uma alternativa energética que tem um vasto potencial de crescimento no Brasil e muitos investimentos têm sido realizados nessa área de singular importância para o desenvolvimento socioeconômico das regiões de Norte a Sul. Sem dúvida alguma, o vento do sertão é verdadeiramente diferenciado, é possível que por esse motivo seja difícil abalar a estrutura do sertanejo que sabe o quer da vida. Seja com a enxada, a viola, a vassoura, o pincel, a máquina fotográfica ou de costura, a agulha, o microfone, a caneta, ou o celular na mão, ele está sempre em busca de explorar o espaço de sua existência em suas reais condições. Atento ao seu meio e às pessoas com quem compartilha o seu-estar-no-mundo acredita em mudanças possíveis, portanto, também se vê em constante processo interativo de transformação social e pessoal.

A cultura sertaneja compõe a rota dos ventos libertários, seja na arte musical, corporal, culinária, literária, dentre outras. Todas essas formas de expressão são fenômenos fortemente marcados pelo que há de comum e de diferente entre um povo em relação de transfluência que resulta em elementos novos, originais e caracterizados por suas particularidades que os tornam especiais e singulares. No Sertão da Bahia, os ares da independência do dia 2 de julho de 1823, após 202 anos, continuam a ecoar um grito de liberdade por uma terra que seja verdadeiramente nossa e por um povo que seja genuinamente livre. Os grilhões dos colonizadores, sejam em quais formas se apresentarem, precisam ser arrebentados, para que a justiça social não seja apenas uma meta a ser alcançada, mas que seja uma realidade, onde todos tenham direito ao respeito, à educação, à cultura, à moradia, à saúde, ao emprego, ao lazer, à segurança e ao verdadeiro sentimento de humanidade que pode transformar intolerância em tolerância, tristeza em alegria, desunião em união, ódio em amor, prisão em liberdade. Um povo legitimamente livre tem consciência de si mesmo e de sua relação com o outro e com o mundo. Assim, é preciso que ele tenha voz e que essa voz ecoe como uma presença que ultrapassa todas as porteiras ou fronteiras do Sertão.

Referências:

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

MARTINS, Penélope; HAURÉLIO, Marco. O Sonho de Lampião. Ilustradora: Lucélia Borges 1. Ed. São Paulo: Editora Principis, 2022

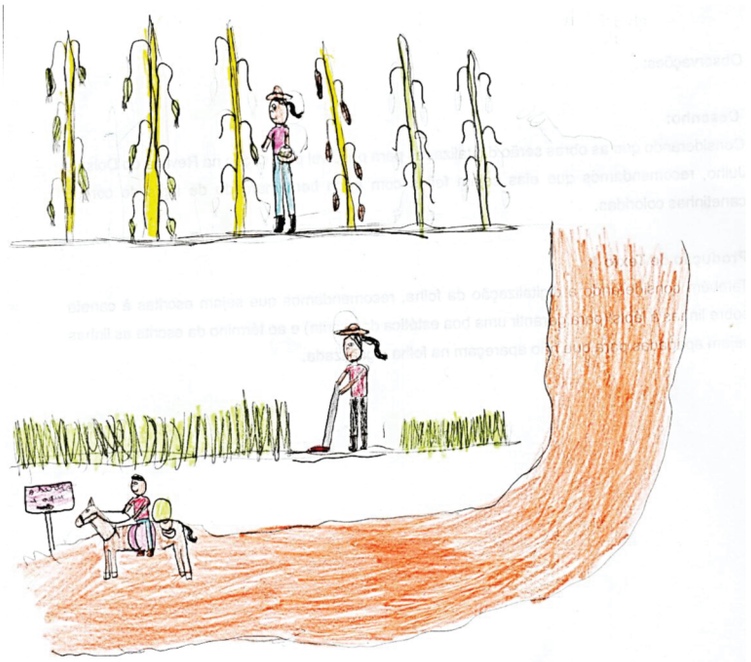
ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 19. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Telma Rebouças de Almeida.

Professora de Língua Portuguesa e Literatura. Mestra em Literatura e Crítica Literária Atualmente, doutoranda em Cultura e Sociedade - UFBA



Ana Lua Rocha Santos
2º ano - E. M Monsenhor Bastos



VILA NOVA DO PRÍNCIPE: OS SERTÕES DA BAHIA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA INDEPENDÊNCIA

Zezito Rodrigues da Silva

1. Introdução

Sempre afirmei pelas pesquisas que desenvolvi, especialmente a tese defendida em 2021 na Universidade Federal Fluminense – UFF para efeitos de obtenção do título de doutorado, sobre a relevância da emancipação da Vila Nova do Príncipe enquanto constituição de uma comunidade política nos sertões da Bahia[1], ideia reafirmada nas diversas oportunidades de comunicar sobre o tema.

Em pesquisas, comunicações e publicações que se seguiram, por ocasião do bicentenário da independência da Bahia, reafirmei a importância da participação dos sertões, especialmente desta comunidade política do território do Alto sertão da Bahia para consecução daquele episódio demarcador da história nacional. Essa assertiva, ancorada na primeira, deram base para novamente demarcar as especificidades dos episódios da independência entre nós. Creio, pelas fontes mobilizadas na pesquisa, que esses episódios produziram experiências históricas singulares, que definem as lutas mobilizadas nos sertões da Bahia, enquanto iniciativa estratégica para a consecução de seu propósitos de protagonismo e afirmação e defesa de interesses locais.[2] Não à toa, a memória sertaneja ainda hoje mantém as práticas celebrativas da independência.

Os sertanejos deste território, entre finais do século XVIII e início do seguinte, viveram um momento singular, em razão do desenvolvimento da economia algodoeira, que conectou o mercado interno acanhado e remoto, com a indústria têxtil inglesa, proporcionando o enriquecimento dos produtores e comerciantes locais. Esta comunidade enriquecida mobilizou as estruturas políticas do império luso-brasileiro para a emancipação da Vila Nova do Príncipe, então território da Vila de Rio de Contas.

A instalação da vila promoveu a constituição de aparato jurídico e político que proporcionou aos sertanejos habitantes desse território o acesso às estruturas do império luso-brasileiro, como os Tribunais e outras instituições centrais do Império, a Ouvidoria da Jacobina e ao Senado da Câmara, instituição responsável pela governança de amplo termo de abrangência da Vila Nova do Príncipe (SILVA, 2021).

Os recursos e apelos às instituições centrais do império eram frequentes, especialmente por meio de demanda por mercês, Além disso, a constituição de um Terço de Ordenanças, dividido em Companhias distribuídas pelos diversos arraiais do termo da vila que, dentre muitos objetivos, agregavam a elite senhorial local. Além de manter a ordem social, por meio das repressões a revoltas de escravizados, combate a mocambos, quilombos e populações indígenas considerados ameaçadoras, traduziu a organização dessa comunidade política que participou do enraizamento das estruturas

[1] SILVA, Zezito Rodrigues da. **Uma vila na periferia do Império**: Sociedade, território e poder no Alto Sertão da Bahia (Vila Nova do Principe e Santa Anna do Caitete, 1810-1821). Tese de doutorado, PPGH-UFF: Niterói, 2021.

[2] SILVA, Z. R.. A Vila de Caetité nas tramas da Independência (BAHIA, 1821-1832). In: Maria das Graças de Andrade Leal, Virgínia Queiroz Barreto e Avanete Pereira Sousa. (Org.). **Bahia, 2 de julho: uma guerra pela Independência do Brasil.** 1ed.Salvador, BA.: EDUNEB, 2023, v. , p. 193-225.

imperiais entre nós, quer seja participando das atividades ligadas ao cotidiano de celebrações oficiais do império, quer nas atividades econômicas que conectavam ao mercado interno, extensivas àquela constituída na corte carioca.

2. Territorialização dos sertões da Bahia

Grandes áreas do interior da Bahia, espaços de habitação e circulação de inúmeras nações indígenas foram ocupadas durante o século XVII com a expansão dos currais de gado que subiam o Rio S. Francisco e estabeleciam-se em suas férteis margens e de seus afluentes. A partir das sesmarias que aos poucos iam ocupando os territórios dos sertões da Bahia, especialmente os vales dos principais rios e seus afluentes, novos currais foram se implantando e, com eles, a policultura agrícola como estratégia para sua consolidação.

Assim, os cultivos de feijão, milho e mandioca, gêneros básicos que garantiam a alimentação cotidiana dos sertanejos eram somados ao cultivo de cana e arroz nas vazantes e brejos. O estabelecimento de engenhocas para o fabrico de açúcar, rapadura, melaço aguardente eram acrescidos de oficinas de farinha – as casas de roda.

Os plantéis de gado miúdo, como a galinha, cabra e porcos, além dos pomares, avançavam em pequenos sítios onde posseiros, rendeiros, meeiros, agregados e pequenos proprietários foram preenchendo os vazios característicos dos territórios localizados entre as vilas do litoral e os locais ermos dos grandes currais. Estava se consolidando, pois, a lógica de um Império que se afirmava cada vez mais como territorial e precisava estabelecer uma base de produção e trocas em escalas que, em última instância, redundasse em uma dinâmica global que proporcionasse a geração de rendas para a fazenda real em níveis satisfatórios para manter a máquina estatal em operação.

Esses territórios distantes das principais vilas do litoral brasileiro passaram a constituir novas fronteiras que atraíram diversos interesses. A nobreza do reino que desejava, pela constituição de sesmarias, firmar sua condição social e projeção política, das famílias aventureiras do Reino que buscavam a propriedade a constituição de ascensão social ou sertanistas que adentravam esse território em busca de minerais preciosos ou para combate e preação de índios a serem escravizados.

Essa sociedade dispersa espacialmente que constitui nesses espaços uma cultura sertaneja que lhe conferiu identidade e distinção em relação a outras sociedades litorâneas. A pecuária, base social de produção da riqueza e meios de fixação nos sertões, era criada em extensivas áreas em campo aberto, tornando imensas as fazendas de gado instituídas.

Em finais do século XVIII, a revolução industrial inglesa promoveu grande desenvolvimento da indústria têxtil, demandando por grande quantidade de algodão, matéria-prima que passou a ser produzida largamente nos sertões de cima ou Alto sertão da Bahia. Com isso, houve intensa transformação das áreas sertanejas, antes dedicadas quase exclusivamente à criação de gado, deu lugar às roças de algodão que se desenvolveram nestes sertões. Com isso, a necessidade das cercas, estabelecem contenção das terras livremente exploradas pelas boiadas, dando lugar aos sítios e fazendas de pequena e média propriedade.

O algodão promoveu a riqueza dos produtores que demandaram a criação da Vila nova do Príncipe (Vila de Caetité) em inícios do século XIX. Instalada em 1810, essa vila organizou a vida social nos sertões, intensificando a circulação das tropas que exportavam algodão para o Porto da Cachoeira e trazendo de lá uma imensa quantidade de produtos que promoveram a vida faustosa das famílias sertanejas.

Essa dinâmica mercantil que promoveu a territorialização dos sertões de cima nas primeiras décadas do século XIX foi interrompida abruptamente pelas guerras da independência que, em solo baiano, teve desdobramentos severos, colocando em campos opostos as tropas portuguesas fiéis às Cortes de Lisboa em seu propósito de recentralização do império na velha capital europeia, e a aristocracia e comerciantes baianos, resistentes ao colapso do império luso-brasileiro, antes sediado no Rio de Janeiro, que controlava o circuito mercantil com as praças da África e Ásia.

3. Capítulos da independência no Alto sertão da Bahia

Temendo prejuízos em negócios do algodão,

produtores e comerciantes desse gênero residentes no Alto sertão baiano, logo que tomaram contato com o projeto de independência e criação do Império do Brasil, capitaneado pelo herdeiro dos Bragança que ficara à frente do trono do Reino do Brasil, reuniu-se em sessão extraordinária do Senado da Câmara e representantes de setores influentes da Vila de Caetité. Após apreciação dos conflitos que se formaram, decidiram optar pelo apoio ao novo Imperador, indicando representantes para oficializar esse apoio.

Ao encaminhar representação ao Rio de Janeiro em dezembro de 1822 com os "deputados" José Antônio Gomes e o Padre José de Souza Lima, para a formalização da aclamação do novo império e de seu imperador, a Vila de Caetité, através de seus representantes, manifestou, sem titubear,

"(...) os puros votos de amor, e obediencia, fidelidade, e respeito a Sua Magestade Imperial, e de firme adhezaó a justa cauza da Independencia do Brasil o Mesmo Augusto Senhor, louvando muito as cinceras demosntraçoens do seu Patriotismo, espera, que continue a prestar-se com igual prontidão, concorrendo para a prosperidade, e centralização deste Imperio".[3]

Essa representação formalizou a adesão da Vila de Caetité ao Império do Brasil, sem os eventuais riscos de contestação da nova ordem instituída, não obstante as desconfianças e conflitos com a ouvidoria da Jacobina. A deputação da Vila de Caetité foi recebida pelo José Bonifácio, ministro de D. Pedro e instada a aderir à resistência em Cachoeira. Em carta dirigida à Câmara desta vila, assentou o ministro:

"Manda Sua Magestade o Imperador pela Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, que a Villa Nova do Principe de Sancta Anna do Caitite, e as outras da Comarca da Jacobina se unaó quanto antes ao Governo estabellecido na Villa da Cachoeira da Provincia da Bahia, e o reconheçaó enquanto o Mesmo Augusto Senhor sobre este objeto não Ordenar o contrário" [4]

Em 5 de setembro de 1822, o senado da Câmara da Vila de Caetité, reunidos, deliberaram pelo apoio à resistência mobilizada a partir da Vila de Cachoeira. Em ato publicizado, diziam sobre os atos da Câmara:

§ 1.º - Deliberarão que por ser hum justíssimo dever socorrer nossos irmãos brazileiros, que se acham em armas para defender a nossa liberdade política, e ser a cauza igualmente nossa, se abrisse huma subscripção para formar huma Caixa Militar para immediatamente se ir remetendo à Caixa daquelles nossos irmãos, fazendo-se saber ao público por meio de Proclamação nesta Villa, nos Arrayais, e lugares públicos do termo.[5]

A vila de Caetité participou diretamente na resistência de várias formas. Subscrição de recursos para subsidiar a Caixa Militar do Exército de Cachoeira. Os recursos são vultosos, por volta de 2:272$930 (dois contos, duzentos e setenta e dois mil e novecentos réis), além de cargas de algodão, bruacas com víveres, gado etc. Em 1824, já no período pós-guerra, nova subscrição foi feita, desta vez remetendo 2:232$260 (dois contos, duzentos e trinta e dois mil e duzentos e sessenta reis).

Ao analisarmos as listas nominais de subscritores que são, naturalmente, encabeçadas pelos principais homens do lugar e seus respectivos donativos com valores vultosos, percebemos uma importante participação de pessoas dos segmentos populares, a exemplo de mulheres, escravos e libertos, padres etc. com donativos pequenos, mas representativos de certo engajamento nas guerras de resistência e apoio pela causa da independência. A arregimentação de forças militares para a luta no teatro de guerra também mobilizou uma quantidade relevante de recrutados sertanejos.

Ao mesmo tempo, os conflitos com os portugueses locais também se acirravam, com repetidos e continuados delictos perpetrados nesta Villa e seo termo de mortes, assassinos e roubos,

3 Arquivo Público do Estado da Bahia / APEB – Governo da Província. Correspondência de Caetité (1823-1832). Caetité – 1823 / Maço 1274 / Doc – 1822

4 Op. Cit. Doc – 1822

5 APEB – Coleção Independência do Brasil na Bahia. BR BAAPEB CIBB / Série: Correspondências. Cópia n.º 16 / doc. 23

com abuso de se darem também terras de noite em vão the dentro desta mesma Villa, e o grande número de vadios, e facinorozos de que se axam contaminados estes sertoens, e denam haver polícia posta nella em prática.

Concluída a guerra, a Vila de Caetité mandou nova representação ao Rio de Janeiro para participar da cerimônia de Coroação do Imperador em dezembro de 1823. "Sendo Veriador no Senado da Câmara desta Villa no anno de 1823 (eu, Antonio de Queiroz Ozório) fui nomeado, e o Procurador da mesma, o Alferes Domingos Constantino da Silva, para irmos unidos a Corte do Rio de Janeiro a titular a Sua Magestade Imperial, e Constitucional pela sua Sagrada Coroação Restauração desta Provincia, cuja Deputação executemos na forma, em que nos foi determinada, no dia 10 de Dezembro do mesmo anno, e mostremos no mesmo acto a S. M. I. o estado de pacificação, em que esta V.ª setinha conservado athé o dia 1º de outubro, em que demos primeiro a nossa digressão, assim como tão bem o asilo, que tinha prestado aos Emigrados do Recôncavo da Capital".

Ainda o ano de 1823, "membros do partido brasileiro" se juntaram para hostilizar as famílias portuguesas, com ameaças, mortes e conflitos abertos. Fugas dessas famílias para o arraial e porto da Malhada, às margens do Rio São Francisco exigiu do imperador D. Pedro providências visando proteger essas famílias partidárias do partido português, o envio de tropas de Minas Gerais, comandadas pelo Coronel Jacinto Pinto Teixeira para pacificar a vila.

4. Significados das lutas pela independência nos sertões da Bahia

as experiências políticas da Vila Nova do Príncipe e Santana de Caetité, desde os episódios ocorridos em 1822 até seus desdobramentos nos anos seguintes. Aí uma categoria sertaneja de produtores e comerciantes de algodão que, em anos antes, conquistara com a criação da vila, constituiu uma comunidade política que procurava a aproximar-se com os interesses centrais do império. Em esforços em participarem dos episódios da independência, enviaram emissários para confirmarem seu apoio e sagração ao novo imperador. No contexto das guerras, outras formas de participação nos eventos em território baiano, conduziram a conflitos que colocavam em polos opostos "portugueses" e "brasileiros".

Na Bahia, como em outras províncias do Norte, houve desdobramentos particulares da assim chamada Guerra de independência. No entanto, esses episódios aí verificados, apresentavam especificidades que se traduziam em maior ou menor projeção no contexto, considerando o lugar ocupado por essas províncias na dinâmica econômica do império.

A Bahia, importante praça re-exportadora de gêneros tropicais e escravos, cujo território conectava as províncias do Norte às do Sul, quer seja por meio da navegação de cabotagem ou pelos caminhos do sertão, foi palco privilegiado dessas disputas pela independência. Além das vilas do Recôncavo baiano, palco central das guerras pela independência pela conexão que tinham com sua Capital, vivenciaram experiências traumáticas e decisivas. No entanto, as vilas do Sertão baiano também tiveram papéis relevantes em seu desfecho.

Zezito Rodrigues da Silva

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), docente de história do Brasil do Departamento de Ciências Humanas – DCH / Campus VI – Caetité. Contato: zezito.uneb@gmail.com / https://orcid.org/**0000-0002-2239-9759**



O POVO X LUSOS

João de Oliveira Chaves Neto

"(...) O grande dia em que soe nesta Província da Bahia o trovão da nossa liberdade e se dê o primeiro impulso da nossa vontade."

A epígrafe que escolhi para iniciar este texto é parte do depoimento de D Pedro de Alcântara. Não a utilizei por acaso. Minha razão é a edificação do meu pensamento sobre o motivo de nossa LIBERDADE.

Aqueles que buscavam imposição sobre a égide do poder, através da força, mostram ser suficientemente ingênuos e simples, demonstrando, na maioria das vezes, ser apenas os tiranos. Nestas circunstâncias, abdicam da lei, como princípio do dever da paz. Portanto o que pode resultar desse modo de agir é a dominação à força, ficando sem respaldo popular, tendo que sair da cena de forma derrotada e sem apoio, permitindo o legítimo poder a quem de direito, o povo.

A concupiscência e a maldade são desejos daqueles que almejam conquistar o poder como almejavam os portugueses, nos longínquos anos de 1823. Em decorrência da malignidade dos lusos, homens e mulheres simples pegaram em armas e lutaram por uma liberdade almejada pelos Baianos.

A origem do mal entre os portugueses se deu na necessidade de desejo, o de serem exegetas da vontade do poder de dominar e de serem dominados, para tanto é que o uso da violência passou a ser um método de abuso entre o dominador e o dominado.

Qualquer que seja a origem do mal, o povo tem o direito de se unir e lutar pela sua liberdade. "Se buscarmos a medicina o mal e mais ou menos como um verme, um elemento externo. Se Basearmos no Direito, o mal Legitima a posse de uma herança. E se partimos para Teologia o mal nada mais é como a participação pessoal do supremo soberano celestial, sobre o humano".

O que não é aceitável, porém, é ser um povo dominado por uma legião, é ser alheio aos seus direitos, é não se sentir um povo livre e soberano. Por isso, não a qualquer prática de aceitação do que é ser sinônimo de submisso, pois a antípoda é uma característica principal daqueles que sofrem uma invasão. O pendor do mal é o fundamento de domínio dos menos capacitados, mas nunca de se esquecer de que uma vitória se conquista através da união dos mais fracos.

Quando Madeira de Melo não cumpriu as ordens da junta Provisória de Governo e recomendou: "maior zelo e patriotismo no cumprimento da real ordem", conforme José da Silva Lisboa registrou, na Província da Bahia, que ele estava, naturalmente "sem autoridade" e, sem ação". Isto fez com que os baianos se organizassem em luta contra as forças dos lusos. É deste importante ponto, que começa a luta da INDEPENDENCIA da BAHIA e do BRASIL de fato.

Se houver semelhança na luta da Independência da Bahia com outras independências pelo mundo afora, identificando-se a participação do povo simples e humilde, terá sido uma mera coincidência, pois hoje podemos ver que o povo baiano lutou com um rigoroso fervor, a fim de conquistar a vitória final.

Para tanto a "Teoria da Piedade"* não se deu ao lado dos Portugueses, como vimos no episódio da Soror Joana Angélica, que foi brutalmente ceifada da vida, ato que foi determinante para entrar como uma heroína na História da Bahia. Este destaque está na "Teoria da Virtude"* e de Bravura contra o abuso do poder.

A misantropia deste episódio fez nascer o rancor conta os portugueses. A heroína se destacou como um grande vulto na história da Bahia e do Brasil, assim como Maria Quitéria, Labatut, os cabocos, e, enfim, o povo simples da nossa querida BAHIA.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS
KANTE, Immanuel Kante. A Religião nos Limites da Simples Razão. 1. ed. São Paulo: Lafonte, 2017. 188 p. ISBN 978-85-8186-246-0.
BANDEIRA, Luiz Moniz. O Feudo: A Casa da Torre de Garcia d'Ávila. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000. 601 p. v. 1. ISBN 981'1500/1822.

* Teoria da Virtude. Esta doutrina da virtude seria a própria aplicação da ética ao sensível, ou melhor, ela apresenta os princípios de aplicação da ética à antropologia. O objetivo geral da Doutrina da Virtude, segundo Kant, é a conquista da sabedoria prática (KANT, 1983, MS-T, p. 46).
*Teoria da Piedade- é um sentimento natural que leva todo animal a zelar pela própria conservação e que, dirigido no homem pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade

João de Oliveira Chaves Neto
Prof. de História - Rede Municipal de Ensino de Caetité

SERTÃO

Marcos Fernandes Silva

O Sertão é como colcha de retalho,
Feito de histórias e encanto,
De um povo que luta tanto,
Sabe muito bem viver,
Valoriza o rico orvalho,
Que faz a vida acontecer.

Em um Sertão de lutas,
De aperreio e coragem,
O céu azul jamais será uma miragem,
De quem não perde a fé,
Aqui sabe-se o valor da labuta,
Sem medo do que vier.

As grandezas desta Terra,
São um grande marco da história,
Viver sem medo é uma vitória,
Diante da imensidão,
Voltar atrás quando se erra.
Em busca de um perdão.

O sertão das grandes conquistas,
De um povo que acorda cedo,
Jamais cultiva o medo,
Tem fé e acredita de verdade,
Mantém-se a alma otimista,
Em busca da felicidade.

Sertão da alegria,
Da noite muito estrelada
Da coruja que pela madrugada,
Anuncia o amanhecer,
Esconde-se ao arraiar do dia,
E acorda ao anoitecer.

São tantas coisas distintas,
Histórias e fantasias,
Construídas a cada a dia,
Pelo imaginário popular,
Jamais poderá ser extinta,
A identidade deste lugar.



Desfile Cívico Dois de Julho, 2024

MINHA HISTÓRIA COM O 2 DE JULHO: TRADIÇÃO, MEMÓRIA E LIBERDADE

Kyara Kelly Rodrigues Santos Maia

Ah, o 2 de Julho! Quantas lembranças inesquecíveis essa data me traz. Desde a infância, essa celebração sempre teve um lugar especial na minha vida. Embora nunca tenha sido muito afeita a montar a cavalo, sempre fui fascinada pelo desfile e pelos momentos incríveis compartilhados em família. Meus pais faziam questão de levar meus irmãos e a mim para assistir ao cortejo, uma tradição que marcou nossa história.

É uma tradição: todos os anos, meus vizinhos e eu aguardamos ansiosos a descida da cabocla no dia 1º de julho, sempre com aquela expectativa de quem será a escolhida para representar esse papel tão simbólico.



A presença da minha família no desfile sempre foi significativa. Uma prima, por exemplo, foi convidada por vários anos para representar a cabocla. Com sua beleza e traços indígenas marcantes, encantava a todos. Em 1987, esse papel foi assumido por minha irmã Karla, que naquele ano desfilou montada em uma charrete. Foi um momento inesquecível para nós. Lembro-me, com carinho, do nosso saudoso vizinho José Maria, que acompanhou todo o percurso preocupado com a segurança dela.

Desde pequena, meus pais me explicavam os significados por trás dos carros e símbolos do desfile: o dragão, que representa a tirania de Portugal sobre o Brasil; o carro da Liberdade, símbolo do sonho coletivo de emancipação; o carro da Câmara de Vereadores, exaltando a participação ativa dos caetiteenses nas lutas pela independência da Bahia. Antes mesmo de estudar esses conteúdos na escola, eu já os conhecia de cor, graças à sabedoria e ao compromisso dos meus pais em transmitir história.

Lembro-me também da voz marcante do professor Hélio Negreiros narrando o desfile com emoção e precisão, assim como de seu Florisval Bonfim, cuja presença também se tornou parte dessa memória coletiva tão viva.

Algo que sempre me intriga — mas ao mesmo tempo me enche de orgulho — é a participação decisiva de mulheres na luta pela nossa independência. Maria Quitéria, Soror Joana Angélica e Maria Felipa foram mulheres além do seu tempo, destemidas, que enfrentaram estruturas opressoras com coragem e bravura para garantir a nossa liberdade. Mas elas não estavam sozinhas. Houve muitas outras mulheres anônimas,

guerreiras do cotidiano, que também estiveram presentes na linha de frente ou nos bastidores dessa luta. Mulheres negras, indígenas, sertanejas, mães, filhas. E isso me intriga: por que essas histórias foram apagadas? Por que tentaram esconder a força feminina que também construiu nossa liberdade? A História precisa ser contada por inteiro — e isso inclui dar voz àquelas que foram silenciadas.

Já atuando na rede municipal de ensino, tive o privilégio de contribuir diretamente para o fortalecimento dessa tradição. Participei da elaboração dos quadros temáticos nas escolas Emiliana Nogueira Pita, Ovídio Teixeira e Manoel Lopes Teixeira. A cada edição, um novo tema era desenvolvido com criatividade e dedicação. Era trabalhoso, mas ver o resultado final sempre nos enchia de orgulho.

Em 2023, vivi uma experiência inovadora e emocionante: fui convidada pela professora Maria José, juntamente com o colega Ângelo Borges, para narrar o desfile ao público que se aglomera em frente ao cemitério da Ladeira da Saudade. Apesar de ser um dos pontos mais cheios do percurso, até então ninguém explicava o que acontecia naquele momento. Poder levar conhecimento àquele público, ver o brilho nos olhos das pessoas ao compreenderem melhor o desfile, foi uma das experiências mais gratificantes que já vivi.

Como historiadora, aprofundar meus conhecimentos sobre esse grande marco histórico para nosso estado e para o país tem sido uma missão de vida. O 2 de Julho representa a verdadeira Independência do Brasil — não aquela proclamada no papel por Dom Pedro I em 1822, mas a conquistada com suor, sangue e coragem pelo povo baiano: sertanejos, mulheres, negros escravizados.

Essa data carrega a força de um povo que não se rendeu. Que lutou. Que venceu. O 2 de Julho sempre estará entre minhas melhores memórias. Mais do que uma simples celebração, é um marco de identidade, história e pertencimento que me acompanha — e me forma — ao longo da vida.

Kyara Kelly Rodrigues Santos Maia
Profa. de História. Mestra em ensino, linguagem e sociedade, UNEB

INDEPENDÊNCIA DA BAHIA, UM ESTADO DE ESPÍRITO

Romilton Ferreira

A saga da Independência da Bahia para os caetiteenses, além da luta pela liberdade travada no palco de batalha em Pirajá, Recôncavo e adjacências é um estado de espírito que cada cidadão deste solo patriota alimenta a cada ano para garbosamente manifestar em sua data magna, o 2 de Julho, cada um à sua maneira, em desfile cívico pelas principais ruas da cidade. É glamouroso ver a cidade toda ornamentada, manifestar e regozijar com o evento. O patriotismo aflora e nenhuma rua fica inerte ao acontecimento. A hospitalidade de seu povo com o visitante é notável, a cidade enche. Caetité, assim, se destaca na comemoração entre todas as demais da Bahia. Certamente, a figura de proa deste alto Sertão da Bahia, José Antônio da Silva Castro, O Periquitão, em sua luta, seu esforço em arregimentar e organizar um batalhão de voluntários formados por índios, negros e camponeses, totalizando 600 soldados mal treinados, mas com o anseio de libertarem sua pátria se deslocaram para o palco da guerra que já se travara entre os patriotas da capital no afã de expulsarem os inimigos, não fora em vão, a vitória fora retumbante e o reconhecimento do povo manifestado orgulhosamente por toda a região e reverberado Brasil afora. Que assim seja para que a memória, a história plantada com aguerrida luta pelos antepassados seja um marco definitivo e perpétuo para as gerações vindouras.

Romilton Ferreira de Souza
Academia Caetiteense de Letras

MEMÓRIAS DO "DOUSDIRRULO"

O LIVRO "PERDIDO" SOBRE O DOIS DE JULHO DE CAETITÉ...

André Luiz Gomes Koehne

Quando o pesquisador Nélson de Araújo, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), apareceu em Caetité, em 1987, encontrou na cidade algumas das figuras que melhor poderiam lhe falar da Festa do Dois de Julho, que a cidade realizava havia mais de cem anos.

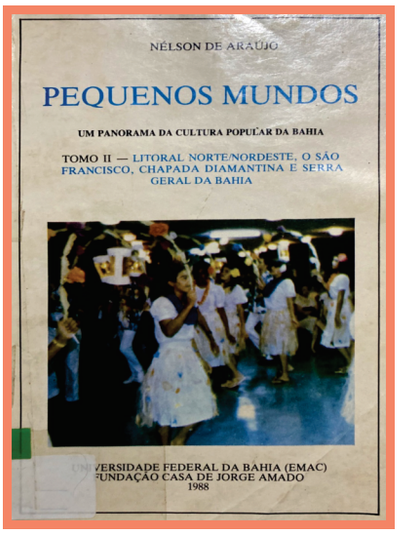
De fato, ele se encontrou com D. Idalina Vieira Cardoso, então secretária do prefeito Clarismundo Francisco Pontes, e dali entrevistou a funcionária do Banco do Brasil Mariantônia Freitas de Oliveira, que lhe ofereceu algumas fotografias, com o Thales Gottschalk Fausto, Seu Clarindo do Brejo dos Padres (Clarindo Pereira da Silva), a professora Helena Lima Santos e... minha mãe, Marion Gomes Koehne.

Ouvindo apenas essas fontes, pôde começar seu registro narrando sua surpresa: "Caetité reserva a sua pompa à festa do Dois de Julho, sua mais importante comemoração cívica. Não deixa de causar estranheza que a longínqua, bela e culta cidade da Serra Geral da Bahia, terra de Anísio Teixeira, permaneça fiel a essa tradição, um dos poucos festejos patrióticos genuinamente populares no Brasil, ao passo que algumas cidades do Recôncavo, diretamente envolvidas nas lutas da Independência, já a têm sepultada no esquecimento."

Agora, imaginem a minha surpresa ao ver esse livro... Ok, ninguém mais lê livros nesse mundo de zap-zap, mas esse livro...

Há alguns anos, eu soube de sua existência e fuçava a internet para descobrir se o encontrava: obra rara, publicada em 1988, de assunto tão específico como o folclore do interior baiano, não era nada fácil.

Foi então que, em dezembro de 2023, depois de raciocinar, concluí que talvez a UFBA tivesse lá algum exemplarzinho que fosse. Com isto em mente, passei o bastão a minha filha Joanna Cristina de Carvalho Koehne que, apesar de já haver concluído o curso de psicologia, ainda tinha seu cartão da biblioteca da universidade. Nada encontrou. Foi a minha vez de pesquisar e descobrir que o Nélson de Araújo, sergipano da gema, lecionara na Faculdade de Música da UFBA. E lá, finalmente, Joanna localizou a obra e pegou-a emprestado.



Fiquei surpreso quando ela me enviou um PDF, pelo mesmo zap-zap de quem não gosta dos livros, e falou-me: "Painho, olhe na página 9 do arquivo!". Jesus, o que seria? Uau! Ali estava o nome da avó dela, minha mãe, dentre as pessoas de quem o pesquisador obtivera informações: isso me fez derramar umas lágrimas...

Lágrimas de saudade, de orgulho – não por ter o nome dela grafado num livro, mas por saber que ela efetivamente AJUDOU a preservar a memória de Caetité! Ah, mainha... Foi mestra numa cidade que não lê mais livros...

Bem, isso não é para falar de livros, mas DO livro agora finalmente encontrado.

O Nélson dedicou ali o capítulo "O Dois de Julho de Caetité, com Mouros e Cristãos", para falar do folclore da cidade, com várias fotografias.

Em meados de 2024, falando com uma amiga moradora de Salvador pelo zap-zap, falei-lhe da obra, e ela, enquanto conversávamos, pesquisou na internet e encontrou o livro à venda, num "sebo" virtual e... comprou! Ao ver minha revolta por

ela ter-me "passado a perna", a moça disse que, quando recebesse o livro, faria uma cópia para si e mandaria o exemplar... Triste consolo: anos de pesquisa e, justo quando apareceu à venda um mísero exemplar, outra pessoa comprou!

Passaram-se dias, semanas e, quando meses se iam sem que eu recebesse a encomenda, resolvi olhar na internet para tentar a sorte novamente... Lá estava um exemplar à venda: "Pequenos Mundos", do Nélson de Araújo. Rapidamente fiz a compra! Dias depois, o livro chegou-me (depois fiquei sabendo que era o mesmo volume que a amiga "comprara" antes de mim e, por motivos que ela ficou sem compreender, o negócio não foi concluído).

Dos livros sumidos sobre Caetité, este agora não é mais. Talvez, nos próximos 200 anos de Festa do Dois de Julho, nossas memórias do hoje possam refletir que carregamos com pompa e circunstância essa comemoração que, mesmo quando muitos perdem a memória no zap-zap, Caetité continua a manter viva e pulsante.

E viva o Dousdirrulo!

André Luiz Gomes Koehne
Advogado, membro fundador da ACL, escritor e pesquisador da história de Caetité.
Academia Caetiteense de Letras

O BANCO DA CASA DA PRAÇA

Maria José Couto Gonçalves

Há memórias que se assentam como raízes. Para mim, elas estão fincadas na frente da casa dos meus avós, onde vivi até os vinte anos — casa essa que se debruçava sobre a Praça da Catedral de Caetité, palco das maiores festas da minha infância. Voltar a esse lugar hoje, mesmo que só na lembrança, é como revisitar um tempo onde tudo era mais simples e mágico.

Ali, diante do coreto, da Igreja Matriz e da grande praça, na varanda da casa havia um banco de madeira, nosso ponto de encontro. Tios, primos, vizinhos, amigos — todos se reuniam para assistir à vida acontecer diante da Catedral. Era mais que um assento: era o camarote da memória.

Sempre que havia banda, missa campal ou evento cívico, era na nossa calçada que a família se reunia. Nenhum dia, porém, era tão esperado quanto o 2 de Julho.

Quando os fogos estouravam e o carro de som surgia com o Hino ao Dois de Julho, a praça se transformava. Pessoas dispersas nas calçadas corriam a se posicionar. Era o sinal: o desfile estava descendo a Rua Barão de Caetité e logo passaria diante da Catedral. Um instante solene.

Todos em casa se ajeitavam para assistir. O cortejo era esperado com reverência — e depois, vinha o vaivém dos cavalos, que também nos encantava.

Mesmo antes dos grupos de montaria, os cavaleiros faziam parte do espírito da festa. Passavam a tarde subindo e descendo as ruas, em um balé de cascos e poeira. Era um espetáculo contínuo que durava até o entardecer. As moças esperavam ansiosas por uma voltinha no lombo de um cavalo; os rapazes, por sua vez, viam ali uma oportunidade de galantear — oferecendo a garupa, guiando as rédeas, ajudando com um gesto gentil. Era uma coreografia de olhares e sorrisos, onde nasciam lembranças que duram até hoje.

Na adolescência, eu e minhas primas ficávamos atentas, sonhadoras, desejando aquele convite para montar. Mas minha avó, atenta à janela, nunca permitia. E eu, obediente, ficava ali, assistindo ao desfile dos sonhos alheios.

Com o tempo, deixei o banco e fui para a rua. Desfilei como Estátua da Liberdade por mais de um ano, e depois declamei o "Ode ao Dois de Julho", de Castro Alves, também em várias edições da festa, no adro da Matriz. As palavras eram meu cavalo.

O desejo de organizar a festa nasceu ali mesmo, em meio a essas experiências, e nunca me deixou. Hoje, realizo esse sonho à frente da Diretoria de Projetos e Produtos Educacionais do NEAF, dentro da Secretaria Municipal de Educação, onde coordenamos o Projeto Dois de Julho, que envolve o desfile cívico, concursos, revista e ações de preservação da memória.

E quando o cortejo começa a descer a Barão, com o hino à frente, é como se o tempo se dobrasse sobre si mesmo. Meu coração retorna àquela manhã antiga, e eu volto a ser a menina do banco — olhos brilhando, alma rendida à beleza da história que ainda passa, como um cavalo bonito e altivo que nunca deixou de desfilar.

MEMÓRIAS DA MARINHA

A MARINHA DO BRASIL NO DOIS DE JULHO DE CAETITÉ





A Agência Fluvial de Bom Jesus da Lapa (AgBJLapa) tem o propósito de contribuir para a orientação, a coordenação e o controle das atividades relativas à Marinha Mercante e organizações correlatas no que se refere à defesa nacional, à salvaguarda da vida humana nos rios e lagos, à segurança da navegação nas hidrovias interiores e à prevenção da poluição hídrica por parte de embarcações.

A missão é cumprida por meio das Inspeções Navais, que são realizadas em nossa área de jurisdição, composta por 91 municípios, na qual 14 destes são banhados pelo Rio São Francisco e seus afluentes, prezando sempre pela segurança da vida humana e a consciência contra a poluição ambiental.

Estreitando a relação com a sociedade, a AgBJLapa capacita e instrui os aquaviários da região por meio do Ensino Profissional Marítimo (EPM) e realiza cursos para habilitar Pescadores, Aquaviários e Servidores Públicos a conduzirem embarcações. Além disso, são prestados serviços como inscrição, renovação e transferência de embarcações, emissão e renovação de habilitação.

Representando a Marinha do Brasil (MB) em sua área de Jurisdição, com aproximadamente 527 km às margens do Rio São Francisco, é com muito orgulho que a AgBJLapa participa mais uma vez do grande festejo do 2 de Julho em Caetité, importante e bela cidade do Alto Sertão baiano. Com sua tripulação e equipamentos, contribuindo para o desfile Cívico no município, juntamente ao Corpo de Bombeiros, ao Tiro de Guerra do Exército e à Polícia Militar da região.

A Marinha do Brasil faz parte do Desfile da Independência da Bahia em Caetité desde 2009. A presença da AgBJLapa nas festividades do 2 de Julho intensifica o patriotismo, mantendo vivo o movimento que une passado, presente e futuro com o amor à Pátria e aos Símbolos Nacionais.

A MB destaca a atuação do Tenente João Francisco de Oliveira, conhecido como João das Botas, que corajosamente combateu os inimigos à frente de uma esquadra composta apenas por canoas e saveiros, adaptados para a guerra, que ficou conhecida como "Flotilha de Itaparica". Assim, relembramos a participação de tantos heróis neste importante momento histórico, da luta pela Independência do Brasil.

Jutair Carlos Santos da Guia
Capitão - Tenente(AA)
Agente Fluvial em Bom Jesus da Lapa

BAHIA: MEMÓRIAS DE LUTAS E LIBERDADE, A ROTA DA INDEPENDÊNCIA EM CAETITÉ-BA

Fundação Pedro Calmon

A Fundação Pedro Calmon (FPC), órgão vinculado à Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, é responsável por coordenar, implementar e gerir políticas culturais relacionadas à leitura, bibliotecas, arquivos e memória no estado. Sua atuação abrange a gestão de oito bibliotecas públicas, Arquivo Público do Estado da Bahia e o Centro de Memória da Bahia. A FPC tem como missão assegurar a identidade cultural do povo baiano, preservando sua história e memória e seus principais objetivos envolvem organizar, conservar e divulgar acervos documentais, tanto públicos quanto privados, além de promover ações ligadas ao livro e à leitura. Sob sua gestão, o Centro de Memória da Bahia (CMB) desempenha papel essencial na pesquisa e ações de valorização da nossa história e memória, que muito contribuem para a construção da identidade do estado, incluindo as lutas pela Independência do Brasil na Bahia.

É nesse contexto que nasce a Rota da Independência, realizada desde 2007 pela Fundação Pedro Calmon, um projeto de resgate cívico e educativo que conecta gerações. A iniciativa percorre cidades que foram palco de batalhas, resistência ou apoio logístico às tropas brasileiras e que circula pelos municípios baianos integrando ações culturais e de cidadania em celebração à data magna da Bahia, o 2 de Julho. Este projeto simboliza não apenas a memória da luta pela Independência do Brasil na Bahia (1822-1823), mas também reforça o acesso democrático ao livro, à literatura e às manifestações artísticas e culturais. Ao longo dos anos a rota cresceu na quantidade de municípios incluídos no seu roteiro, das cinco cidades em 2007 a rota chega em 2025 com o número recorde de 19 cidades. Com organização do Centro de Memória da Bahia, a rota consiste em aulas temáticas sobre o processo de independência do Brasil na Bahia, e em parceria com a Secretaria de Educação do Estado (SEC) temos a participação dos estudantes da rede apresentando os projetos estruturantes na programação, que incluem espetáculos teatrais, apresentações de filarmônicas e também de ações conjuntas com outros setores da FPC e do poder público, como a ida da Biblioteca de Extensão (BIBEX) em 2016, parcerias com as prefeituras municipais e visitas guiadas como ao Museu do Alto Sertão da Bahia em Caetité.

Em 2017, destacaram-se as Rotas Históricas, com aulas públicas em Salvador, Itaparica e Caetité, aproximando estudantes e comunidade dos cenários reais da guerra. Em 2023, sob o nome de "Bahia: Memórias de Lutas e Liberdade" a rota revisitou os caminhos da independência, distribuindo publicações e realizando aulas para estudantes da rede pública. Já em 2024, a iniciativa ampliou seu alcance, percorrendo 15 municípios em cinco Territórios de Identidade, com palestras, lançamentos de livros e atividades culturais.



Considerando a relevância no processo histórico, a Rota da Independência destaca os acontecimentos em Caetité como um dos episódios mais emblemáticos deste processo de libertação nacional no Sertão e que ganha contornos especiais, pois a cidade não apenas aderiu precocemente à causa da Independência, como também mantém, ao longo de dois séculos, uma das mais vibrantes celebrações do 2 de Julho no interior baiano.

Caetité teve um papel fundamental na Guerra de Independência do Brasil devido à sua posição estratégica e ao engajamento político de sua população. No início do século XIX, a então Vila Nova do Príncipe e Santana do Caetité era um dos principais núcleos administrativos do sertão baiano, controlando um vasto território que abrangia dezenas de atuais municípios. Quando a luta pela Independência eclodiu em 1822, Caetité não apenas declarou imediato apoio a D. Pedro I, como também serviu de base para a retaguarda das tropas, garantindo suprimentos e reforços logísticos. A vila destacou-se ainda pela resistência política, rejeitando a proposta de Rio de Contas de formar uma província separada da Bahia, reforçando sua autonomia. Além disso, figuras como o sargento-mor Francisco de Souza Lima defenderam ações diretas junto à Corte, enquanto a Câmara realizava sessões extraordinárias até serem interrompidas por ordem de José Bonifácio. Após o conflito, o lendário major José Antônio da Silva Castro, o "Periquitão", um dos heróis da Independência, estabeleceu-se na região, deixando descendência e fortalecendo os laços de Caetité com a história nacional.

O fervor cívico da população local se manifestou também na cultura, já que desde o século XIX fazem do 2 de Julho, através de cortejos e teatro popular, uma grande celebração da história e memória da liberdade. Neste sentido, a Rota da Independência acontece em Caetité desde 2015, e não apenas revisita o passado, mas se integra às tradições locais, dando novos significados à celebração, ampliando o diálogo entre historiadores, educadores e a comunidade local, destacando o papel do sertão na guerra contra as tropas portuguesas. Em seu primeiro ano em Caetité, a rota contou com apresentação teatral e aulas junto a estudantes e educadores, realizando nos anos seguintes aulas públicas nas ruas da cidade com o historiador Moisés Frutuoso para um público de 60 pessoas em 2017. Em 2018 o professor Argemiro Ribeiro ministrou aula pública, pelas ruas da cidade para um público estimado em 500 pessoas, também havendo visita guiada ao Museu do Alto Sertão da Bahia. Já em 2019 foi realizada a abertura da Rota da Independência em Caetité com dois dias de aulas para um público de 120 estudantes. Entre os anos de 2020 a 2022, as atividades da rota não puderam prosseguir em suas ações por conta das restrições da pandemia de COVID-19 que assolou o Brasil durante esses anos, voltando a serem realizadas em 2023 novamente com aulas públicas em Caetité tendo um público de 500 pessoas. Por fim em 2024 além das aulas, apresentações artísticas e culturais, também ocorreu o lançamento de publicações acerca do processo de Independência do Brasil na Bahia, os dois primeiros volumes da Coleção Bicentenário de Independência do Brasil na Bahia, e um paradidático.

Hoje em 2025, a Rota segue inspirando novas gerações, mostrando que a luta pela Independência só foi possível pela ampla participação popular, com desdobramentos em diferentes regiões do território baiano, e construindo assim, a cada ano, uma reafirmação da história e memória de nosso estado na busca por liberdade para todo o Brasil.

Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia



LUTAS, RESISTÊNCIAS E LIBERDADES: PROTAGONISMO AO POVO QUE FEZ E FAZ HISTÓRIA

Fernanda de Oliveira Matos

Essa foi a temática escolhida para o projeto do Dois de Julho 2024 desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação através das Unidades de Ensino da Rede Municipal de Educação em parceria com as Comunidades Quilombolas de Caetité e Comunidades local.

Um Projeto guarda-chuva foi elaborado com vistas no desenvolvimento de atividades diversificadas. Para isso, foram pensadas e organizadas algumas frentes de trabalho, a saber: atividades pedagógicas e concurso artístico literário Dois de Julho nas escolas da Rede Municipal, ao mesmo tempo em que foi feito o registro memorial e histórico das Comunidades Quilombolas de Caetité – objeto de um dossiê especial publicado na segunda edição da Revista do Dois de Julho. O resultado desse trabalho foi apresentado publicamente no desfile cívico organizado pelas escolas municipais, com participação de convidados e grupos de montaria.

Esse conglomerado de atividades é respaldado pela necessidade de se construir conhecimento histórico significativo, fortalecer a identidade e o patrimônio cultural imaterial deste lugar onde, o mês de julho, se inicia com as festividades da Independência da Bahia.

O trabalho teve início ainda no segundo semestre de 2023 com trabalho de pesquisa para a escolha da temática, a escrita do projeto e o início do diálogo com as Comunidades Quilombolas.

Em fevereiro de 2024, tudo já se encontrava em andamento. As primeiras reuniões aconteceram na Pré Jornada Pedagógica com gestores municipais que levaram o projeto para discussão em cada Unidade Escolar da Rede. Em concomitância, foram realizadas as primeiras formações no NEAF, elas serviram de base para que o conteúdo histórico chegasse de forma contextualizada às sequências didáticas, por conseguinte à sala de aula e que deram o suporte teórico para a realização do Concurso Artístico Literário realizado entre março e maio de 2024.

Ao mesmo tempo, a Diretoria de Projetos, já se mobilizava em torno da organização da Revista do Dois de Julho. Com a colaboração da Diretoria de Comunicação da Prefeitura, as quatorze Comunidades Quilombolas certificadas do Município de Caetité foram visitadas, entrevistadas e fotografadas.

A partir desse trabalho, um acervo documental e iconográfico foi produzido e utilizado como fonte para que um dossiê especial fosse escrito. Este, juntamente com outras produções, inclusive as vencedoras do Concurso Artístico e Literário, compuseram a segunda edição da Revista do Dois de Julho.



O lançamento da Revista deu início às festividades do Dois de Julho em Caetité, ele aconteceu no dia 28 de junho no auditório da Casa Anísio Teixeira e contou com a presença de

autoridades, dos autores, dos alunos ganhadores do concurso, das Comunidades Quilombolas por meio representações e com a comunidade local.

As autoridades abriram o evento e no decorrer, os textos foram apresentados e os alunos vencedores do concurso foram premiados.

Foi uma noite memorável, a presença ou representação dos envolvidos no processo, incluindo os alunos, familiares, além de professores, gestores e a comunidade em geral, simbolizou a concretização das atividades pedagógicas desenvolvidas em torno do tema Dois de Julho.

Esses ares festivos abriram o mês de julho. Ao amanhecer do dia 1º, a cidade já estava enfeitada, no decorrer do dia, os últimos detalhes das alegorias e carros foram organizados, as escolas finalizaram todos os figurinos e as coreografias para a "Levada da Cabocla" à noite e para a o desfile cívico do dia seguinte finalizando o projeto.

Na cidade, era nítida uma movimentação diferente, já se ouvia o "toc toc" dos cavalos e era perceptível a chegada de muitos outros desembarcando nos pontos estratégicos assim como era visível a presença dos visitantes passeando, apreciando as ruas e praças enfeitadas e comércio com suas vitrines vestidas à caráter para a festa que estava para começar.

Com o decorrer do dia também foram chegando convidados do desfile cívico: os vaqueiros de Lagoa Real, os militares da Marinha do Brasil – Agência Fluvial de Bom Jesus da Lapa e pela primeira vez em Caetité, os indígenas Kiriris de Muquém do São Francisco.

A presença dos Kiriris possibilitou a pintura corporal tradicional para a cabocla – centro das atenções do desfile do dia 1º. Ele teve início por volta das 19:30 hs, foi aberto pelas autoridades municipais portando as bandeiras oficiais seguidas pelos alunos da Escola Manoel Lopes que, retratando o tema do ano, fizeram o acendimento da pira.

Concluindo a parte tradicional vieram os Grupos de Montaria Feminina Lara Fernandes e Patroas na lida, trazendo o carro da cabocla e o dragão e como de costume, centenas de cavaleiros e amazonas encerraram o cortejo da noite na Pedra do Conselho – em frente ao Cemitério Ladeira da Saudade.

Com esse ato concluiu-se a parte cultural - tradicional, não a festa da noite, esta, só terminou com a apresentação da Banda Sem Parea na Praça da Catedral.



Na manhã do dia dois, o "sol não brilhou mais que no primeiro" ao contrário do que proclama o Hino ao Dois de Julho, Caetité amanheceu sob forte neblina e isso impactou diretamente toda a programação do desfile cívico que saiu um pouco depois do previsto e ainda assim, enfrentou momentos de neblina forte durante o percurso.

Apesar da instabilidade do clima e da necessidade de algumas mudanças de estratégias, o desfile percorreu as ruas de Caetité e contou com grande público, principalmente na Praça da Catedral e na Ladeira da Saudade. Os grupos de montaria também se apresentaram e depois, em sua maioria, ainda realizaram suas festas particulares.

Na volta da cabocla, que chegou à praça ao meio dia, a neblina já havia passado e a programação da festa pode ocorrer normalmente: hasteamento das bandeiras oficiais, celebração do Te Deum e premiação dos Grupos de Montaria.

Por volta das 14h, a parte cívica já havia sido encerrada e a praça foi preparada para receber o "paredão Arizona" que tocou músicas até o fim da tarde.

Enquanto isso tudo ocorria na Praça da Catedral, uma parte dos colaboradores da Secretaria Municipal de Educação se desdobrava para garantir que todos os participantes do desfile (alunos e convidados) se alimentassem e voltassem aos seus locais de origem.

Outros se responsabilizaram pelo desmonte dos carros alegóricos que participaram do desfile, eram tecidos, objetos frágeis, muitas vezes emprestados, que precisavam ser guardados adequadamente e assim foi feito. O cuidado com os figurinos e com as peças utilizadas garantem que muitas delas sejam reaproveitadas posteriormente.

Dito isso, ainda é necessário acrescentar que são dezenas de profissionais das outras secretarias e diretorias da Prefeitura de Caetité mobilizados antes, durante e depois para que essa festa ocorra a contento.

Através deste rápido relato, queremos situar o leitor acerca do tamanho da Festa de Dois de Julho em Caetité atualmente e a estrutura pública mobilizada para este fim.

É bem verdade que, com o passar do tempo e com a necessidade de atualizações, muitos elementos a festa foram se perdendo, substituídos por outros, adaptados, enquanto muitos outros foram agregados às necessidades de uma festa que cresceu e serve de referência para esta região sertaneja.

Mais uma vez a Festa de Dois de Julho de Caetité fez jus ao peso que carrega devido às suas particularidades e mais ainda devido à participação de milhares de pessoas de Caetité e de toda região que se identificam com um ou mais elementos dessa festa que ultrapassa a data cívica e representam este lugar, sua história e tradição.

Fernanda de Oliveira Matos
Profa. de Hitória - Mestre em Educação, Dra. em Memória, Sociedade e Linguagem







DOIS DE JULHO NA ESCOLA

Fernanda de Oliveira Matos

Eu vim falar sobre o Dois de Julho, mas eu não vim sozinha...

Essa foi a frase que usei ao iniciar as atividades sobre o Dois de Julho com as crianças da Rede. De fato, eu não estive sozinha, ao contrário, fui acompanhada da coleção dos bonequinhos do Dois de Julho a quase todas as Unidades da Rede Municipal de Ensino – anos iniciais, para a realização de oficinas sobre o tema.

Os bonequinhos do Dois de Julho, sugiram da necessidade de trabalhar a Independência da Bahia com as crianças dos anos iniciais cuja idade varia de 6 a 11 anos em média.

A partir da solicitação de muitos gestores e coordenadores para a realização de oficinas que subsidiassem a participação dos alunos no Concurso Artístico Literário e devido a falta de material lúdico pedagógico, apropriado para essa idade, a Professora e artesã Luana Pimentel, foi desafiada a criar e confeccionar uma coleção de bonecos que representassem alguns dos personagens históricos que marcaram a história da Independência da Bahia e ainda hoje são lembrados.

Assim ela fez. Em 2024 confeccionou cinco bonequinhos (Maria Quitéria, Joana Angélica, Maria Felipa, o Periquitão e a Cabocla) que itineraram por muitas escolas. A experiência foi tão positiva e exitosa que agora, em 2025, Luana confeccionou um representante dos Encourados de Pedrão (um vaqueiro) e um sertanejo como referência ao tema do ano.

Este material foi imprescindível para o desenvolvimento de oficinas sobre a Independência da Bahia, bem como sobre a festividade ocorrida em Caetité, sua memória e tradição.



Profa. Luana Pimentel e a coleção de bonecos do Dois de Julho

Com base nas metodologias da Educação Patrimonial, oficinas foram desenvolvidas levando em consideração a faixa etária, os conhecimentos prévios dos estudantes, seus olhares sobre o tema, sua participação nas festividades ocorridas em Caetité e suas memórias sobre o evento.

Em formato de contação de história, uma narrativa foi constituída com a interação dos alunos que sempre tinham uma "coisa para contar". Assim, o conteúdo em questão foi trabalhado, considerando o que há de mais eficaz na construção do conhecimento histórico das crianças: a associação, a comparação e a aproximação do conteúdo com a realidade, o concreto e o lúdico.

A metodologia aplicada resultou em certo encantamento, uma certa curiosidade por parte das crianças acerca dos personagens apresentados, sua participação no evento e suas histórias de vida. Dessa forma foi possível refazer o cenário de lutas de forma mais acessível e apropriado à faixa etária em questão.

Daí o motivo das perguntas recorrente nas escolas visitadas: 'Tia, posso abraçar os bonequinhos? Posso levar para casa?'

A resposta causava o contentamento de poder pegar e abraçar ao mesmo tempo que a frustação de não poder levar para casa.

Um sentimento de interesse também foi constatado entre as crianças com deficiência. É sabido por todos nós, sobre os desafios que as Unidades Escolares enfrentam para garantir a inclusão dos alunos PCDs (pessoa com deficiência). Nessa atividade, em específico, elas participaram e interagiram, inclusive com muitos abraços nos bonequinhos, com olhares atentos e observadores aos outros materiais que também foram usados nas oficinas (imagens, fotografias, entre outros).

Enfim, com este breve relato de experiência, a intenção é fazer o registro da atividade executada como também mostrar possibilidades reais de uma proposta simples e eficaz que faz toda a diferença na abordagem de um conteúdo que parece distante e abstrato, mas ao mesmo tempo é tão familiar e concreto por causa da festa que é celebrada todo ano em Caetité.











PERCEPÇÃO DA POPULAÇÃO DE CAETITÉ SOBRE AS CELEBRAÇÕES DO 2 DE JULHO

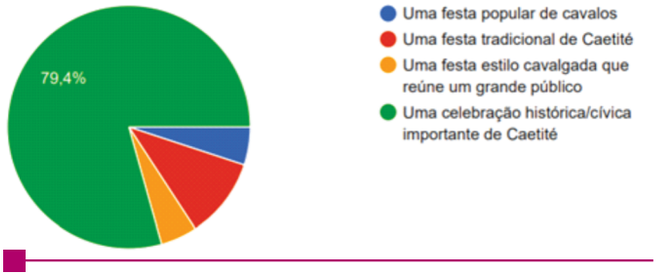
Maria José Couto Gonçalves

No mês de março de 2025, a Secretaria de Educação, através da Diretoria de Projetos e Produtos Educacionais, vinculada ao Núcleo Educacional de Avaliação e Formação (NEAF), realizou uma pesquisa com a população de Caetité para compreender como os cidadãos percebem e valorizam as celebrações do 2 de Julho, data emblemática da independência da Bahia. A pesquisa ouviu 502 pessoas, com o objetivo de traçar um panorama mais preciso sobre as preferências, motivações e interpretações das celebrações cívicas e históricas desse evento.

A Festa do 2 de Julho de Caetité, conhecida por sua grande importância cultural e histórica, é caracterizada por diversas manifestações, incluindo o tradicional desfile cívico, a participação dos grupos de montaria e cavaleiros, e a exibição de quadros históricos que recontam episódios marcantes da luta pela independência. A pesquisa revelou dados que nos ajudam a entender melhor o significado dessa festa para os habitantes da cidade e sua relação com as diversas manifestações que compõem as festividades.

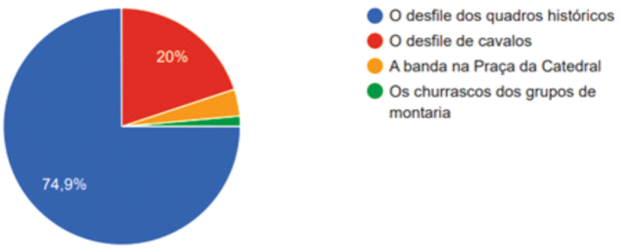
O que representa a Festa do 2 de Julho para os caetiteenses?

A pesquisa revelou que a maioria da população reconhece o 2 de Julho como uma celebração histórica e cívica de extrema importância para Caetité. 79,4% dos entrevistados destacaram essa faceta histórica da festa, evidenciando o valor de preservação da memória e da identidade local. Outros responderam que veem o evento de diferentes formas: 10,8 % consideraram a festa uma tradição de Caetité, 4,8% a associaram a uma grande cavalgada, e apenas 5% a veem como uma festa de cavalo.



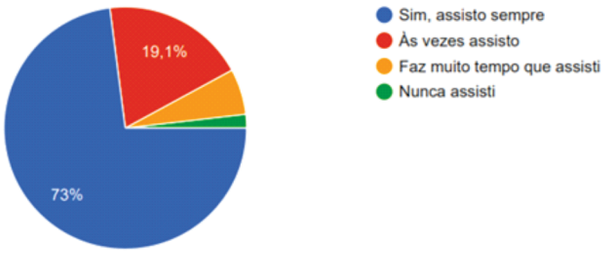
O que mais atrai o público na Festa do 2 de Julho?

Quando questionados sobre o que mais prestigiam durante a festa, 74,9% dos caetiteenses apontaram o desfile dos quadros históricos como o principal atrativo. Esse dado confirma o interesse pela parte cívica e histórica da celebração, que resgata a memória da luta pela independência da Bahia. Além disso, 20% mencionaram o desfile dos cavalos como um dos elementos mais apreciados, e 3,7% destacaram a banda na Praça da Catedral. Apenas 1,4% consideraram os churrascos dos grupos de montaria como o principal atrativo.



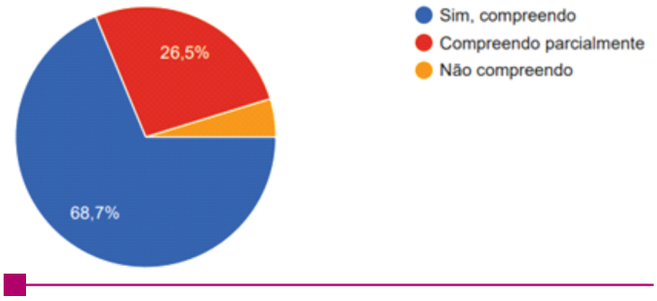
Participação no desfile cívico

A maioria dos entrevistados, 73%, afirma assistir sempre ao desfile cívico do 2 de Julho, indicando um forte envolvimento da população com esse momento de celebração. Outros 19,1% disseram que assistem ocasionalmente, enquanto 6,1% afirmaram que faz muito tempo que não assistem. Apenas 1,8% dos entrevistados nunca participaram dessa manifestação cívica.



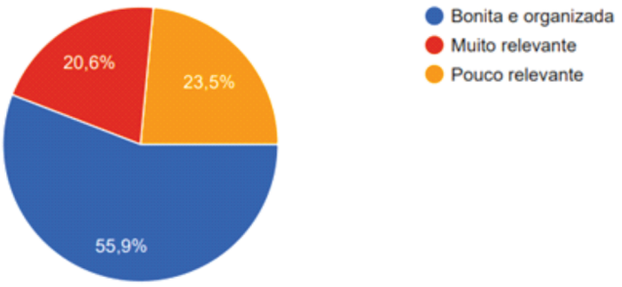
Compreensão da narrativa histórica

Outro dado relevante foi a compreensão da narrativa histórica apresentada durante o desfile. 68,7% dos entrevistados afirmaram que conseguem compreender plenamente a narrativa, enquanto 26,5% indicaram que compreendem parcialmente. Somente 4,8% não entendem a história transmitida, o que sugere que, de modo geral, o desfile cumpre seu papel educativo e de resgate histórico.



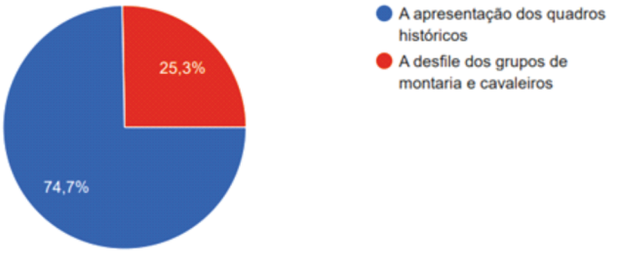
Avaliação da participação dos grupos de montaria

A participação dos grupos de montaria também foi destacada na pesquisa. A maior parte da população, 55,9%, considera a participação dos grupos de montaria "bonita e organizada", indicando a apreciação pela harmonia e pela contribuição estética e cultural desses grupos. 20,6% consideram a presença dos montadores muito relevante, enquanto 23,5% acham que sua participação é pouco relevante. Esses dados revelam uma apreciação variada, mas de maneira geral, os grupos de montaria têm um papel significativo na festa tornando-a peculiar.



Motivação para assistir ao desfile

Quando perguntados sobre o que mais os motiva a assistir ao desfile cívico, 74,7% dos entrevistados responderam que a principal motivação é a apresentação dos quadros históricos. Isso reflete o desejo da população de se conectar com a história da independência da Bahia e de Caetité. Já 25,3% disseram que o desfile dos grupos de montaria e cavaleiros é o principal atrativo, mostrando que a tradição dos montadores exerce forte apelo sobre parte da população.



Conclusão

Os resultados desta pesquisa mostram que as celebrações do 2 de Julho em Caetité são vistas principalmente como um momento de valorização histórica e cívica. Embora o desfile cívico com a representação dos quadros históricos seja o maior atrativo, os grupos de montaria também ocupam um espaço importante nas preferências da população. A compreensão e o envolvimento da comunidade com as narrativas históricas reforçam a importância do evento não apenas como uma festa tradicional, mas como um momento de reflexão e afirmação da identidade local.

Caetité valoriza profundamente essa celebração, reconhecendo-a como um símbolo de sua identidade coletiva. O fato de que a grande maioria da população assiste à festa evidencia a relevância dessa data no imaginário coletivo da cidade, reforçando a ideia de que o 2 de Julho não é apenas um evento festivo, mas um marco que conecta a comunidade às suas raízes históricas e culturais. Este vínculo com o passado é mantido vivo a cada ano, através da participação ativa da população e da constante reafirmação da importância histórica da independência da Bahia.

Essa pesquisa, conduzida pela Diretoria de Projetos e Produtos Educacionais do NEAF, sublinha o compromisso da Prefeitura de Caetité em manter viva a memória histórica da cidade e da Bahia, ao mesmo tempo em que fomenta o envolvimento da população nas celebrações cívicas e culturais. Para além disso, os dados desta pesquisa embasarão as ações pedagógicas de Educação Patrimonial desenvolvidas pela Secretaria de Educação de Caetité.

Essas informações permitirão aprimorar as iniciativas do Projeto 2 de Julho, que inclui ações educativas como oficinas nas escolas sobre a história da independência da Bahia, o concurso artístico-literário que incentiva a produção de desenhos e poemas pelos alunos, e a produção da revista do 2 de Julho, um espaço tanto histórico quanto de registro das produções dos estudantes. Com isso, a pesquisa não só documenta a percepção da comunidade, mas também fornece as bases para fortalecer o caráter educativo e de memória das celebrações, garantindo sua relevância contínua para as futuras gerações.

Maria José Couto Gonçalves
Profa. Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade
UNEB



CONCURSO: OLHARES SOBRE O SERTÃO



Maria Alice Santos Pimentel
2º Ano - Escola Municipal José Ferreira Pinto

DESENHO



Obra: Meu lugar
Aluna: Edynara Caldeira França
2º ano - Escola Municipal Mem de Sá
Profa. Miraci Meira Teixeira

ACRÓSTICO E POEMA

CHUVA DO SERTÃO

Chuvas na entrada de janeiro
Homem começa a trabalhar
Une toda a família e para a roça vai plantar
Vizinhos e amigos no rio para pescar
A chuva é coisa boa para o nordestino se alegrar

Do Nordeste tenho alegria
O sol forte e a água fria que parece magia

Sou nordestina com orgulho
Eu espero um grande futuro
Relâmpagos mostram a beleza
Trovão vem com toda certeza
As ramagens com toda lindeza
O meu Deus trouxe a riqueza

Aluna: Thauany Beatriz Barbosa Silva
3º ano - E. M. José Marques dos Santos
Profa. Marli Caldeira Cunha

OLHARES SOBRE O SERTÃO

Área de clima seco
De temperaturas elevadas
É o sertão nordestino
A região mais povoada

Quando chega a estiagem
O agricultor fica preocupado
Por conta da pastagem
Começa vender seu gado

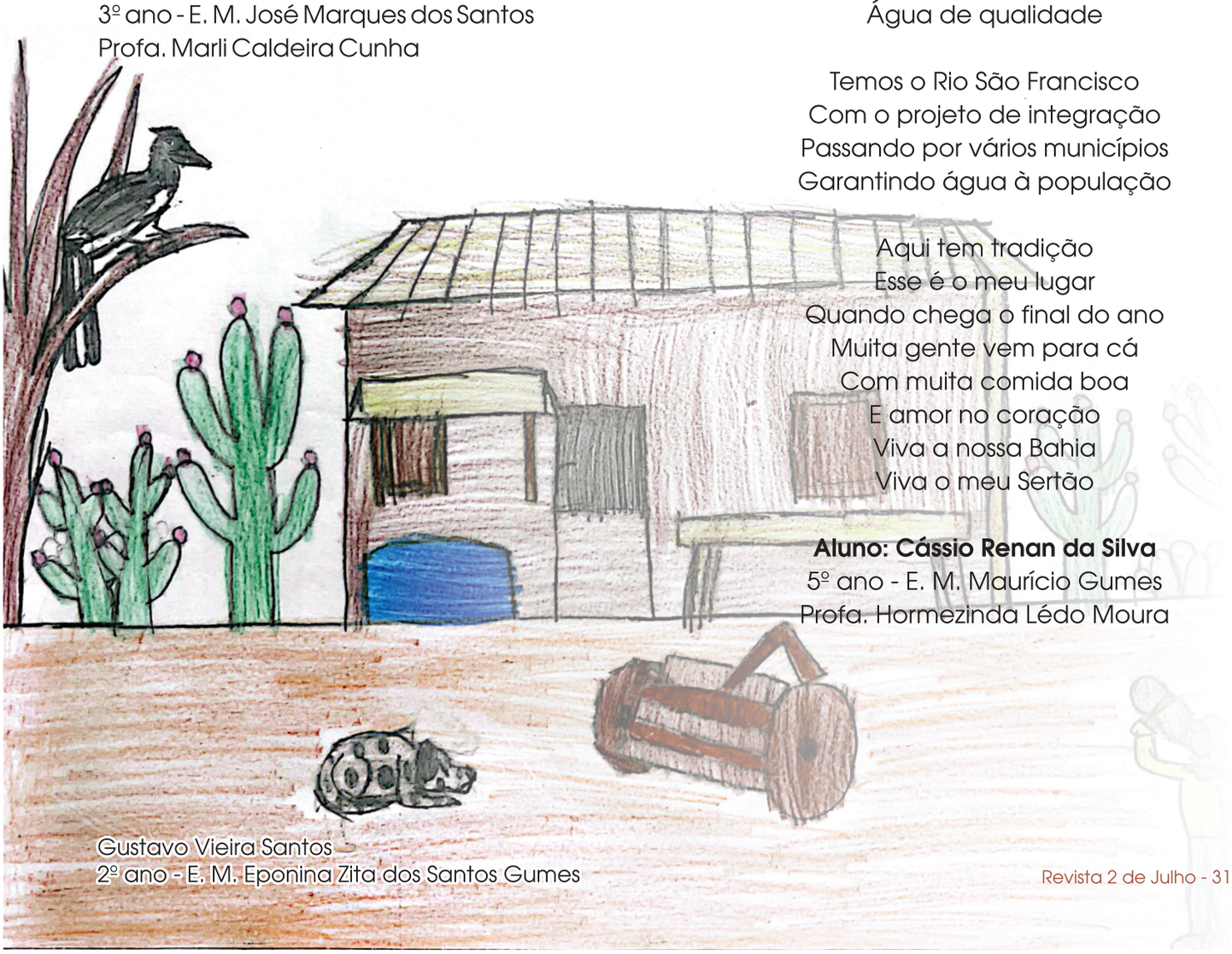
Mesmo com dificuldade
Vivemos aqui com alegria
O nosso Sertão nordestino
É o melhor lugar da Bahia

A implantação da cisterna
Supriu nossas dificuldades
Hoje temos em nossa casa
Água de qualidade

Temos o Rio São Francisco
Com o projeto de integração
Passando por vários municípios
Garantindo água à população

Aqui tem tradição
Esse é o meu lugar
Quando chega o final do ano
Muita gente vem para cá
Com muita comida boa
E amor no coração
Viva a nossa Bahia
Viva o meu Sertão

Aluno: Cássio Renan da Silva
5º ano - E. M. Maurício Gumes
Profa. Hormezinda Lédo Moura



Gustavo Vieira Santos
2º ano - E. M. Eponina Zita dos Santos Gumes

RELEITURA



Obra: O grito no Sertão
Aluna: Emanuelle Lopes dos Santos
7º ano - E. M. Vereador Clemente Ferreira de Castro
Profa. Isabel Cristina Cardoso Silva

CORDEL

Ser-tão

Vou falar de uma terra
É o alto do meu Sertão
Dizem que é quente e seco
Nem uma gota cai no chão
Oxente, deixe disso!
É só mentira e desinformação

A história que não te contaram
Posso te mostrar um outro lado?
As belezas e maravilhas
Como a caatinga e o cerrado
De um povo unido e resistente
Que nunca esqueceu seu lado

No Dois de Julho
Nossa linda região
Não enviou só suprimentos
Mas também proteção
Vou falar mais um pouco
Da nossa participação

Na Independência da Bahia
O sertão muito ajudou
Levando armas e alimentos
Pela população ele lutou
Junto com o povo
Nossa vida melhorou

Um lugar importante
De grande beleza
Povo forte e valente
De muita destreza
Não é como dizem
Cheio de sofrimento e tristeza

Um povo persistente
Que não para por nada
Trabalham de sol a sol
Com expressão animada
Derruba gado no laço
E acorda de madrugada
Com muita fé
E bastante esperança
Eles vão seguindo
Com muita confiança
Esse povo criativo
Deixará sua herança

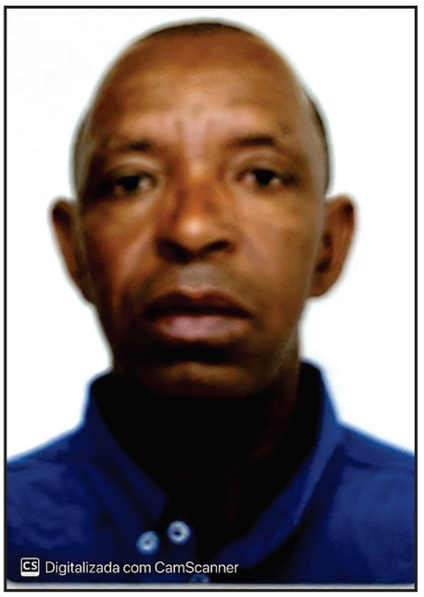
Assim me despeço
Já cumpri minha missão
Trouxe o verdadeiro olhar
Do meu amado sertão
De quem vive nesta terra
Com fé, orgulho e paixão

Aluno: Carlos Eduardo Barbosa da Silva
9º ano - E. M. Professora Emiliana Nogueira Pita
Profa. Edina Aparecida Menezes Fausto Rocha



João Vitor Oliveira da Silva
7º ano - E. M. Profa. Emiliana Nogueira Pita

A CAMISA, A FEIRA E A FÉ



Esta foto eu tirei lá na Foto Estrela, em Caetité. Ela foi feita para que eu pudesse me matricular na EJA do Colégio Zelinda de Carvalho Teixeira, em Maniaçu. É nessa escola que eu estudo todas as noites.

Gosto muito dessa foto porque estou vestindo a camisa que eu mais gostava. Uma camisa simples, comprada na barraca de Carlão, o de Dona Darci, lá na feira de Maniaçu. Eu gostava de comprar com Carlão porque ele sempre foi muito atencioso comigo, e todo ano me dava uma "folhinha" — um calendário — para eu levar para minha mãe.

Essa camisa também me faz lembrar meu tempo de criança, quando minha mãe, que era costureira, fazia minhas roupas. Ela me lembra, especialmente, uma roupa que minha mãe costurou para mim no dia em que fomos à romaria do Bom Jesus da Lapa — o mesmo dia em que fui crismado.

Aquela viagem foi marcante na minha vida. Fui acompanhado da minha família: meu pai, minha mãe e meu irmão. Saímos de Vargem Grande, onde morávamos, na região de Maniaçu, e viajamos durante várias horas na carroceria da picape verde de Mazinho. Era tradição na região: as pessoas se reuniam e fretavam um carro para ir à romaria da Lapa. Lembro bem daquela viagem. Eu devia ter uns 12 anos, mas nunca me esqueci da emoção de beijar os pés do Senhor Bom Jesus — uma experiência gravada na minha memória para sempre.

Essa foto aí não é só um retrato meu. Ela tem uma história. E, enquanto isso, continuo minha jornada na EJA. Tenho minhas dificuldades, sim, mas confio e acredito no poder transformador do conhecimento.

OBS: o texto foi transcrito pela professora a partir do relato oral narrado pelo estudante.

Aluno: José Aparecido dos Santos (PCD)
Eixo III - EJAI - E. M. Zelinda de Carvalho Teixeira
Profa. Núbia Santana Soares Silveira

ENTREVISTA HISTÓRICA

ENTREVISTA COM MARIA FELIPA

Entrevistadora – Hoje vou entrevistar a companheira Maria Felipa. Boa noite, Maria Felipa, gostaria de saber de você como foi a sua colaboração na luta pela independência da Bahia?

Maria Felipa – Boa noite, Maria José, é um prazer estar aqui com você. Junto com meu grupo eu construí trincheiras, vigiei praias, queimei embarcações e participei de combates contra as tropas lusitanas.

Entrevistadora – De que forma você conseguiu impedir a invasão da Ilha de Itaparica?

Maria Felipa – Eu reuni quarenta mulheres conhecidas como "vedetes" numa embarcação enfeitada com flores para seduzir os lusitanos, oferecendo a eles bebidas, conquistando a sua confiança, dando a eles uma surra de cansanção, causando-lhe urticárias e queimaduras.

Entrevistadora – Quais foram as pessoas que você reuniu para conseguir a lutar?

Maria Felipa – Eu era voluntária na luta pela independência da Bahia e consegui reunir gente de diversas etnias africanas e indígenas, pescadores e até portugueses simpáticos à emancipação. Liderei ainda as mulheres vigilantes conhecidas como "vedetes".

Entrevistadora – Como você se sente sendo um dos símbolos da independência da Bahia?

Maria Felipa – Sinto-me honrada em ter participado desse momento histórico que teve um desfecho favorável aos baianos.

Entrevistadora – Encerro essa entrevista agradecendo a Maria Felipa, mulher guerreira, que tanto contribuiu para a independência baiana.

Maria Felipa – Eu agradeço a oportunidade de falar sobre esse fato tão importante para nós baianos.

Aluna: Maria José do Prado Santos
Eixo IV - EJAI - E. M. Dom Manoel Raimundo de Melo
Profas. Maria Aparecida Almeida França
Cleia Rosa de Souza



DOSSIÊ TEMÁTICO

Os animais de montaria no Dois de Julho de Caetité



O DOIS DE JULHO E OS GRUPOS DE MONTARIA

Grupo de Montaria Burro Preto / Grupo de Montaria Palmeira / Grupo de Montaria Anguá
Grupo de Montaria Umbuzeiro / Grupo de Montaria Cowboy da Estrada
Grupo de Montaria Rancho do Cowboy / Grupo de Montaria Cavalo de Fogo
Grupo de Montaria Santa Bárbara / Grupo de Montaria Amigos de Maniaçu
Grupo de Montaria Haras Maracaibo / Grupo de Montaria Ipiranga
Grupo de Montaria Guerreiro da Paz / Grupo de Montaria Haras da Irmandade
Grupo de Montaria Rédea Curta / Grupo de Montaria Feminino Lara Fernandes
Comitiva Feminina Patroas na lida

DOSSIÊ

O DOIS DE JULHO E OS GRUPOS DE MONTARIA

Fernanda de Oliveira Matos
Maria José Couto Gonçalves

Ao pensar na Festa do Dois de Julho de Caetité, uma particularidade salta aos olhos de quem assiste e participa: a presença imponente e marcante de milhares de cavalos nas ruas da cidade na noite do dia 1º e no dia 2 de julho. Dessa forma, neste ano de 2025 em que o tema a ser tratado nas festividades de Dois de Julho será "O Sertão nas lutas pela independência" não poderíamos deixar de lado um dos maiores símbolos dessas terras sertanejas e também da festa que ocorre em Caetité anualmente há mais de um século.

A atividade pecuária e a criação de animais se misturam à história da colonização desse território, neste sentido devemos lembrar que essas terras foram ocupadas pelos colonizadores portugueses também com a intenção de interiorizar a criação de gado deixando assim as áreas úmidas do litoral para as atividades agrícolas, entre outras. Essa atividade certamente deu vida e identidade ao Sertão, que na sua imensidão, utilizou dos animais para muitos fins inclusive, o transporte.

De lá até menos de um século atrás, a força animal movia os engenhos, casas de farinha, transportava mercadorias e pessoas assim como lhes servia de fonte importante de proteína para alimentação tradicional.

Os animais eram tão presentes na vida dos sertanejos que os acompanhavam nos momentos de trabalho até aos de lazer e festividades. Assim nos contam os registros históricos escritos, bem como as memórias coletivas que ultrapassaram as limitações do tempo e ainda hoje são transmitidas de geração a geração através da História Oral.

Nas festas de Dois de Julho em Caetité não era diferente, documentação encontrada no Arquivo Público de Caetité revela uma programação festiva centenária executada com a participação de animais de montaria, eram atividades lúdicas como corrida de argolinha, apresentações teatrais e desfile montado pelas ruas da cidade como a "levada da cabocla à pedra do conselho" no dia 1º de julho.



Dois de Julho – Década 1930

Em mais de um século de festa, a presença dos animais de montaria foi se consolidando e ocupando cada vez mais espaço. Não nos referimos apenas ao aumento da quantidade de animais que participam do Dois de Julho de



Registro da festa, na década de 1920, pelo Major Francisco de Moraes

Caetité, mas também, na forma como eles vêm se apresentando, a força que essa presença foi ganhando ao longo do tempo e principalmente de três décadas para cá.

Entendemos que muito disso tem a ver com o potencial dessa região no que diz respeito à atividade econômica gerada pela criação de animais bem como a dedicação e a profissionalização dos muitos criadores e adestradores de cavalos existentes nesse território atualmente.

É compreensível que a festa se tornou uma vitrine – um momento em que muitos desses criadores encontram espaço para expor o resultado do trabalho de um ano inteiro junto aos seus animais. Entretanto, há também milhares de cavaleiros e amazonas que se reúnem em torno do espírito lúdico que a montaria em cavalos representa, estes, geralmente criam e cuidam somente dos seus cavalos para atividades de lazer muito ligadas às áreas rurais do município.

Até o início da década de 1990, esses cavaleiros e amazonas participavam dos festejos do Dois de Julho de maneira muito espontânea. Formavam duas filas após os quadros históricos, e livremente se tornavam parte do desfile. Esse formato vigorou até o momento em que surgiu o primeiro grupo de montaria. Talvez, os componentes desse primeiro grupo, não tivessem a pretensão ou a noção de que este seria um fenômeno que alteraria em muitos aspectos a estrutura da Festa e do Desfile de Dois de Julho de Caetité.

Assim, estava lançada a semente da mudança e da atualização da festa. Ela foi gradativa, entretanto rápida, pois não demorou a surgirem outros muitos grupos de montaria. Com o tempo, isso demandou a intervenção da administração pública no sentido de melhor organizar a participação desses grupos, lembrando que a essa altura, a festa já estava sob a responsabilidade da Prefeitura de Caetité devido à proporção que ela foi tomando e também custando.

De 1991 para cá, surgiram muitos grupos de montaria, o que os levou, em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação e de Cultura, a organizarem e estabelecerem as normas de participação na Festa de Dois de Julho. Nesta organização ficou estabelecido, por exemplo, que a ordem da fila seria determinada pelo ano de fundação de cada grupo e ainda que, caso este se ausentasse do desfile pelo período de três anos consecutivos, ao retomar suas atividades, entraria no final da fila.

A definição destas normas de conduta foi um passo importante para a organização e participação dos grupos montaria no desfile. É necessário ressaltar que, de quando essas normas passaram a vigorar até hoje, são respeitadas por todos os grupos e isso contribui para uma festa mais bonita.

É bem verdade que a quantidade dos grupos, que já chegou em 2016 ao número de 34, diminuiu, entretanto, é possível dizer que, com a desintegração de alguns deles, seus membros somente migraram para os que continuam ativos. Ou seja, os cavaleiros e amazonas não deixaram de participar da festa na ausência dos seus grupos preferidos, apenas passaram a agregar outros, lhes deixando mais robustos e fortalecidos no que diz respeito à quantidade de membros.

Dito isso, percebemos que passados mais de trinta anos da criação dos primeiros Grupos de Montaria, não é mais possível, imaginar uma Festa de Dois de Julho em Caetité sem essa presença. A participação desses grupos montados, bem como dos cavaleiros e amazonas avulsos, particulariza essa festa a tal ponto que atrai os olhares e a atenção da população local e dos visitantes para além do evento cívico "Independência da Bahia" mas também para a presença imponente de milhares de cavalos pelas ruas da cidade.

Por essa razão, neste ano em que lançamos luz sobre a participação do "Sertão nas lutas pela Independência" não poderíamos deixar passar despercebido um dos símbolos maiores dessas terras e da Festa de Dois de Julho de Caetité: os grupos montados.

Para que isso se tornasse possível, estreitamos o diálogo com os grupos de montaria, através das pessoas que os representam. Uma vez conhecido o projeto e seus objetivos, em reunião realizada em outubro de 2024 e com o aceite desses grupos, entramos na fase de execução. Esta consistiu na realização de entrevistas - conversas previamente agendadas com o intuito de que eles próprios falassem sobre as suas

origens, motivações, trajetória e características.

A execução deste trabalho se deu com base nos métodos da História Oral, entendidos como "um conjunto de técnicas utilizadas na coleção, preparo e utilização de memórias gravadas para servirem de fonte. A técnica, em si, consiste de entrevistas guiadas pelo historiador" (CORRÊA, 1978, p.13), visualizamos ainda as possibilidades abertas por Halbwachs (1990) onde as lembranças podem transitar em torno das memórias individuais, das vivências pessoais e a memória coletiva aprendida e vivida através dos vínculos geracionais. Neste sentido, a memória coletiva circula entre os limites do grupo e naquilo que está vivo em sua consciência passando a refletir sua identidade.

Partindo do pressuposto de que a memória é indispensável para a construção da história oral (LE GOFF, 1996), utilizamo-a como a base para uma escrita colaborativa.

Um questionário semiestruturado nos ajudou a direcionar as perguntas, sem restringir seu conteúdo, observando ainda os discursos implícitos à própria materialização da história oral – gestual, interjeições, silêncios, entre outros aspectos que complementam os depoimentos. (ALMEIDA, 2012)

Foram momentos valiosos de aprendizagem onde os envolvidos nos relataram sobre a história e a participação de cada grupo nas festividades do Dois de Julho de Caetité e os sentimentos ali envolvidos. Para nós, um verdadeiro patrimônio imaterial, que, até então, estava guardado apenas em suas memórias, sob risco de perda, esquecimento ou desaparecimento na falta delas. (POLLAK, 1989).

Assim, registramos, com a devida autorização, tudo o que foi possível para que, a posteriore, esse texto fosse escrito.

Em tempo, salientamos que, apesar dos nossos esforços para atingir a totalidade, do universo de dezenove grupos ativos neste momento, conseguimos conversar com dezesseis deles e aqui apresentamos os resultados alcançados, ainda que sucintamente, frente ao potencial histórico que ainda está por ser explorado.

Nas próximas páginas o leitor terá acesso a um breve histórico, informações relevantes e a algumas imagens da participação dos Grupos de Montaria nas festividades de Dois de Julho de Caetité, pela ordem de apresentação no último desfile seguidos dos grupos exclusivamente femininos que participam da Levada da Cabocla.

A saber:

Grupo de Montaria Burro Preto
Grupo de Montaria Palmeira
Grupo de Montaria Anguá
Grupo de Montaria Umbuzeiro
Grupo de Montaria Cowboy da Estrada
Grupo de Montaria Rancho do Cowboy
Grupo de Montaria Cavalo de Fogo
Grupo de Montaria Santa Bárbara
Grupo de Montaria Amigos de Maniaçu
Grupo de Montaria Haras Maracaibo
Grupo de Montaria Ipiranga
Grupo de Montaria Guerreiro da Paz
Grupo de Montaria Haras da Irmandade
Grupo de Montaria Rédea Curta
Grupo de Cavalgada Feminina Lara Fernandes
Comitiva Feminina Patroas na lida

Registramos ainda a existência dos Grupos Cavaleiros do Rei, Amigos de Pajeú, Arreio de Ouro e Amigos que também estiveram ativos em 2024 mas por motivos alheios à organização deste texto, não participaram dos momentos de escuta dos Grupos de Montaria e por consequência não tiveram suas memórias registradas neste dossiê.



GRUPO DE MONTARIA

GRUPO BURRO PRETO



Um brinde ao Burro Preto!

O grupo de montaria Burro Preto é o mais antigo entre os que participam do desfile cívico do 2 de Julho em Caetité. Fundado no início dos anos 1990, tornou-se parte fundamental das celebrações da Independência da Bahia no município. Desde sua criação, integra o cortejo comemorativo, desfilando logo após os quadros históricos que representam as lutas pela liberdade do povo baiano — posição que simboliza a relevância do grupo dentro da programação oficial do evento.

A origem do grupo está diretamente ligada à história de uma família tradicional, enraizada no amor pelas cavalgadas e pelos festejos cívicos. Gerbert Aguiar Gomes, conhecido como "Gebinha", junto aos irmãos e amigos, deu início à jornada do Burro Preto, inspirado pela vivência e exemplo dos pais, Osvaldino Gomes de Carvalho e Oneide Aguiar Gomes, ambos grandes entusiastas do 2 de Julho.

O nome "Burro Preto" surgiu de forma espontânea e bem-humorada, a partir de uma bebida popular entre os amigos — uma mistura de conhaque Dreher com Coca-Cola — que ficou conhecida por esse apelido. O nome pegou, e com ele veio a identidade do grupo, que logo se consolidou nas ruas da cidade.

A logomarca passou por três versões ao longo dos anos. A primeira foi inspirada em revistas equestres; a segunda, na marca da raça Quarto de Milha; e a atual, idealizada por Wagner Aguiar Gomes em parceria com Mauren Oliveira, da indústria Fortiori, reflete com elegância a essência e o espírito do grupo.

No início, eram cerca de 30 participantes — amigos próximos, familiares, vizinhos. Hoje, o grupo conta com aproximadamente 140 integrantes, todos reunidos por vínculos que ultrapassam a paixão pelos cavalos: formam uma verdadeira família. A bandeira do Burro Preto, símbolo dessa irmandade, é conduzida por algum membro da família fundadora, sem distinção de nome ou cargo — um gesto de afeto e continuidade.

Apesar de nunca ter vencido concursos de melhor apresentação no desfile cívico, o grupo não se pauta por premiações. O reconhecimento vem da própria história construída e da presença constante, ano após ano, nas ruas e avenidas da cidade. O grupo não impõe barreiras: está aberto a todos que queiram fazer parte dessa caminhada. Amizade, parceria e respeito às tradições são os verdadeiros critérios de pertencimento.

Embora os integrantes do grupo tenham o costume de montar a cavalo durante o ano, seja por lazer ou em cavalgadas promovidas por outros grupos, o Burro Preto como coletivo se reúne e desfila exclusivamente no 2 de Julho. Essa distinção é importante para reforçar que a força do grupo está na reunião anual para a celebração da Independência da Bahia em Caetité.

Embora os integrantes do Burro Preto tenham o costume de montar a cavalo durante o ano, seja por lazer ou em cavalgadas, o Grupo Burro Preto como coletivo se reúne e desfila exclusivamente no 2 de Julho. Essa distinção é importante para reforçar que a força do grupo está na reunião anual para a celebração da Independência da Bahia em Caetité.

Entre os momentos mais marcantes da trajetória do Burro Preto, destaca-se o ano de 1997, quando o grupo assumiu o posto de festeiro do 2 de Julho — feito inédito entre os grupos de montaria. Na praça da Catedral, Gerbert Aguiar Gomes discursou, convocando a população a manter viva a chama da festa. A resposta veio no ano seguinte, 1998, com um desfile civico realizado com grande dedicação e emoção.

A participação feminina também marca a história do grupo. Oneide Aguiar Gomes, matriarca respeitada, foi figura essencial na consolidação do Burro Preto, apoiando e guiando os filhos com firmeza e sensibilidade. Hoje, são as esposas, filhas e netas que seguem seus passos, desfilando com elegância ao lado das crianças, que encantam o público na abertura do cortejo do Burro Preto, montadas em pôneis ou conduzindo pequenas charretes.

O grupo de montaria Burro Preto não é apenas um coletivo de cavaleiros — é um símbolo de resistência cultural, de amor à terra e à história. É um elo entre gerações, onde cada passada do cavalo ecoa lembranças e cada bandeira erguida reafirma o compromisso com a memória de um povo. Um grupo que não apenas desfila: escreve sua própria trajetória na história de Caetité, com a mesma firmeza com que conduz seus cavalos pelas ruas que há décadas testemunham essa caminhada de orgulho e tradição.









GRUPO DE MONTARIA

GRUPO DE MONTARIA PALMEIRA

A base do grupo é a amizade e o gosto pelos cavalos.

Assim nos contou Lucimar, Rinaldo, Márcio e Zilvone sobre o Grupo de Montaria da Palmeira que saiu pela primeira vez no Dois de Julho de 1995, ou seja, há trinta anos atrás. Originalmente foi fundado por familiares, moradores da Palmeira e por amigos que já se reuniam para montar a cavalo em muitas oportunidades.

Rinaldo, Romulo (in memória) e Vanoé (Guaguinho), foram alguns desses que, acompanhando o nascimento dos primeiros grupos em Caetité, tiveram a ideia de fundar o Grupo de Montaria da Palmeira e assim o fizeram.

O grupo logo se estruturou e em 1997 foi festeiro do Dois de Julho, o primeiro grupo de montaria a assumir a realização da festa quando ela ainda acontecia no formato Bandeira - Festeiro.

Era uma outra realidade e eles nos relataram sobre as dificuldades de se fazer uma festa de Dois de Julho por conta própria, onde os próprios festeiros precisavam se mobilizar, inclusive financeiramente, para realizá-la e também buscar alternativas como doações, empréstimos, bingos, sorteio, etc, "tudo era feito em casa de forma muito artesanal" apontou Lucimar.



A organização do desfile cívico contava com ajuda de alguns professores mas não acontecia como hoje sob a responsabilidade das escolas. Não havia também tantos quadros e nem era escolhido um tema para ser trabalhado como se faz atualmente, era basicamente os Periquitos, Maria Quitéria, Joana Angélica.

De lá até este momento, o grupo nunca deixou de participar do Dois de Julho de Caetité, sendo assim, testemunha ocular do processo de mudanças pelo qual passou a festa e com elas a organização dos grupos de montaria no referido desfile como por exemplo a definição da ordem de apresentação pela sua data de criação.

O grupo também foi testemunha e parte das mudanças em relação às festas particulares que são organizadas após o desfile cívico e compartilhou conosco como acontecia no início quando, ainda não havia a tradição de se realizar os famosos churrascos que acontecem atualmente. As pessoas que vinham da zona rural para participar da festa se encontravam na casa de Dona Alzira, nas imediações da Praça da Catedral, lá sempre tinha um lanche, um café, uma farofa que era compartilhado.

Depois de uma década de participação os primeiros organizadores se cansaram, desanimaram, eles relataram sobre o peso de um trabalho voluntário que muitas vezes terminavam em prejuízo financeiro, "muitos encomendavam a camisa e não pegavam" nos contou Rinaldo que nos expôs ter tirado "dinheiro do seu bolso" para arcar com esses valores não arrecadados.

Então, em 2009, Lucimar passa a ajudar nessa organização financeira e muda os critérios de encomenda – compra das camisetas. Isso teria ajudado o grupo a se manter ativo e atualizado, ele passou a contar com recursos para alugar um espaço adequado, fazer uma feijoada para os membros depois do desfile, etc.

Em 2014, os fundadores passam a presidência para Márcio com a condição de manter a tradição do grupo, incluindo o nome e a logomarca e assim ele fez, arcou com a responsabilidade de dar seguimento ao que já era realizado ao mesmo tempo em que teve acompanhar as inovações que os novos tempos foram trazendo.

A logomarca criada pelos fundadores foi apenas atualizada, contém as palmeiras que fazem referência ao lugar, um sol que faz alusão ao Dois de Julho.

Essa logomarca estampa a bandeira que sai no desfile cívico, os entrevistados falaram da emoção de momento como sendo "uma exposição perante a sociedade, um orgulho muito grande".

O grupo percorre o trajeto do desfile ao som do hino escrito pela Professora Zilda exclusivamente para esse fim. Sempre traz à frente um carro apresentando a temática trabalhada no ano, geralmente professores ajudam na narrativa aí desenvolvida, entre estes, não podemos deixar de lembrar da saudosa Prof Ângela, que, com alegria e entusiasmo dava o tom cívico a essa representação popular e lúdica da Festa do Dois de Julho de Caetité.

O grupo acha importante a adequação ao tema do ano e investe nisso, não exatamente pelo prêmio do concurso realizado pela Secretaria de Cultura que é apenas simbólico, mas pelo reconhecimento por parte da sociedade quanto a organização, a responsabilidade no cuidado e trato com os animais e a valorização do caráter cívico e histórico da festa. Os organizadores exigem dos membros a sequência e a postura na fila. A população reconhece isso e já deu ao grupo oito títulos do concurso apesar de esse não ser o intuito principal como relato antes.

Outra atualização se deu em relação à festa pós desfile, a feijoada foi substituída pelo churrasco, uma equipe de trabalho é contratada para isso. A presença de muitas famílias e pessoas amigas colaboram para que a referida festa seja ordeira e calma, conta atualmente com pessoas para além da Comunidade da Palmeiras, nas palavras de Márcio, "muitos chegaram pela amizade e outros atraídos pelo churrasco".

A amizade também dava o tom da cavalgada da Palmeira que geralmente começava na sede do município com destino à Comunidade da Palmeira, cujo lugar possui um bom espaço e bar chamado "Pedra do Conselho" aí se dava também a corrida de argolinha. Com o tempo o movimento cresceu tanto que o lugar não tinha estrutura para comportar a quantidade de pessoas. Além disso, como era uma festa de cunho comunitário e familiar, algumas vezes a cavalgada deixou de acontecer em virtude de lutos, doenças, etc. Atualmente os organizadores estão verificando as possibilidades para que ela volte a ocorrer e enquanto isso não acontece, muitos participam de outras cavalgadas realizadas pela região que sustentam o gosto por cavalos que sendo passado de geração a geração, pelos adultos que desde cedo introduzem as crianças no mundo do cuidado e da montaria em cavalo.

Assim, entre familiares e amigos chegou o Grupo de Montaria da Palmeira aos seus trinta anos. Vida longa ao grupo!





GRUPO DE MONTARIA ANGUÁ

Há grande entusiasmo por estar em família, entre amigos, mantendo a tradição de participar do Dois de Julho de Caetité.

Em 1997, os irmãos Wesley e Maria de Fátima (Lilia) da família Gomes de Carvalho se reuniram, em sua casa mesmo, e decidiram convidar outros membros da família que sempre cavalgavam juntos, para saírem organizados em grupo no Desfile de Dois de Julho, e assim o fizeram.

Eles lembraram que a família já tinha uma tradição com as montarias, Lilia nos contou que desde muito cedo as crianças da família já tinham e ainda têm contato com cavalo e os adultos já traziam o costume de montarem juntos, só lhes faltava a formalização enquanto grupo e esta veio em 1997, quando fizeram seu primeiro uniforme.


CS Digitalizada com CamScanner

Os que participaram, gostaram, por isso o grupo teve sequência com mais membros a cada ano. Nesse período, o Dois de Julho ainda ocorria no formato bandeira - festeiro e devido ao tamanho e à proporção que a festa havia tomado, alguns grupos de montaria, já estruturados, se colocaram à disposição para concorrerem à bandeira e com o Grupo do Anguá não foi diferente, o grupo foi festeiro do Dois de Julho no ano de 2002.

Para que a festa fosse realizada a contento, os organizadores promoveram bingo e contaram com a colaboração financeira de amigos, e também de professores como Bartolomeu de Jesus Mendes que se encarregou da elaboração da narrativa histórica. O grupo fez uma bonita festa.

Hoje, o grupo de Montaria do Anguá é um dos poucos formalmente registrados, com CNPJ. Além disso, tem sede própria, construída com intenção de ser um clube direcionado a atividades com cavalos, entre outras.

Foi pensado e fundado em sistema de cotas, cada sócio tem a sua e dentro dela pode construir a sua baia, dispõe de espaços comuns amplos, plenamente adequado para a realização de eventos como copas de marcha e outros, atualmente funciona nesse espaço um CTE (Centro de Treinamento de Equinos).

Ou seja, as atividades do grupo ultrapassam a participação no desfile do Dois de julho, existe uma associação formalizada e cavalgadas eram feitas com certa frequência antes da pandemia.

Em si tratando da festividade Dois de Julho, atualmente participam uma média de 100 pessoas montadas, embora, no churrasco pós desfile, esse número aumenta para cerca de 300

pessoas mediante uso da camisa ou pulseira.

É interessante observar que essas atividades são organizadas por uma comissão que já conta com uma segunda geração de jovens que cresceram vendo e aprendendo com seus pais e agora colaboram nisso dando continuidade ao que outros começaram há algumas décadas. Os jovens têm garantido a continuidade e a atualização do grupo.

Os representantes do Grupo de Montaria Anguá demonstram com emoção e satisfação de ver garantida essa continuidade, parece ser a mesma demonstrada ao se falar da sensação de ver o grupo organizado passando pelas ruas da cidade e mais ainda pela Praça da Catedral, transparece o entusiasmo por estar em família, entre amigos e mantendo a tradição de várias gerações de participar do Dois de Julho de Caetité.

















GRUPO DE MONTARIA UMBUZEIRO



O prazer pelo cavalo e a amizade são o que nos unem. Não há nada melhor do que ver o grupo crescer e continuar a tradição.

O Grupo de Montaria Umbuzeiro nasceu da forte ligação com a terra e com a cultura da região de Caetité, mais especificamente da comunidade rural de Umbuzeiro. Criado em 1996, o grupo tem como base a amizade e o amor pelos cavalos, uma paixão compartilhada por Nivaldo, seu cunhado Jan e amigos locais. Inicialmente, com cerca de 10 cavaleiros, o grupo foi crescendo e, hoje, conta com cerca de 400 cavaleiros no desfile do Dois de Julho, consolidando-se como uma das maiores representações da cultura sertaneja durante as festividades.

O grupo foi criado unicamente com o objetivo de participar do desfile do Dois de Julho, a principal celebração cívica da cidade, e não promove eventos ao longo do ano. Nivaldo, residente em Salvador, tem sua participação no dia a dia mais distante, mas sua motivação e paixão pelo desfile são evidentes, sempre com o foco voltado para o Dois de Julho. Desde a fundação, o grupo só deixou de participar do desfile em três ocasiões, o que demonstra o compromisso e a força de sua tradição.

A festa pós-desfile do Umbuzeiro é um dos momentos mais aguardados do ano. Inicialmente realizada na casa de Nivaldo, a festa foi crescendo conforme o número de participantes aumentava, saindo da residência e indo para o Cajueiro, um espaço na Praça da Catedral. Contudo, com o crescimento do grupo, o evento teve que ser transferido para o Clube Santa Mônica, um espaço maior para comportar a grande quantidade de cavaleiros, familiares e amigos que se reunem para celebrar a amizade e a cultura sertaneja. A festa é uma mistura de confraternização, comida farta e boa música, com a presença de 540 camisas confeccionadas para os participantes, que garantem o acesso à festa. A venda das camisas é o principal recurso para financiar o evento, já que o grupo não utiliza patrocínios.

Eva, uma das entrevistadas, destacou a importância da festa, mencionando que o número de participantes cresce a cada ano, não apenas por causa dos cavaleiros, mas também pelos familiares, que se unem à celebração. O evento é marcado pela fartura e pela alegria, com muita comida, bebida e, claro, a presença de uma banda musical que anima os participantes até altas horas. Para garantir a organização, todos os participantes precisam da camisa e pulseira para identificação.

A motivação de Nivaldo e seus amigos é simples: "O prazer pelo cavalo e reunir os amigos." Esse espírito de união é o que fez o grupo crescer de 10 para 400 cavaleiros. Nivaldo relembra

com carinho que, até mesmo com o braço quebrado e com uma tipoia, ele já desfilou com o grupo, sempre com o foco em reunir as pessoas para a cavalgada. A amizade foi o alicerce que permitiu ao Umbuzeiro se expandir e se tornar uma das principais referências do desfile do Dois de Julho.

Antes mesmo da formação do grupo, Nivaldo e outros fundadores já participavam de outros grupos da cidade, mantendo viva a tradição de montar a cavalo durante as festividades. A história do Umbuzeiro também é marcada pela religiosidade, um aspecto fundamental da cultura sertaneja. O grupo, por exemplo, sempre inclui em seu desfile dois carros alegóricos que representam o tema do ano e retratam a fé e a cultura sertaneja, com um dos carros, em particular, homenageando Senhora Santana ou Nossa Senhora Aparecida, figuras de devoção que têm grande significado para o grupo. Quando o carro da Santa passa durante o desfile, é comum ver as pessoas fazendo reverência à sua devoção.

O grupo também se destaca pela sua contribuição na organização do desfile, ajudando a estabelecer as regras para garantir a ordem e o respeito durante a festa cívica. Segundo Nivaldo, foi com a participação do grupo Umbuzeiro junto aos responsáveis pela festa, que o desfile passou a ser mais bem organizado, com critérios de ordem definidos, e a proibição do consumo de bebidas alcoólicas durante a apresentação, o que contribuiu para dar um caráter mais cívico à festa.

A camisa do grupo é uma marca registrada, com um modelo criado por uma comissão formada por seis pessoas, que decide, por votação, o design de cada ano. A camisa é vista como um símbolo forte de união e identidade, sendo utilizada não apenas no desfile, mas também em outros eventos e cavalgadas durante o ano. O símbolo do Umbuzeiro permanece o mesmo, mantendo sua essência e representando as raízes do grupo.

O ano mais marcante para o grupo foi, sem dúvida, 2023, quando Sr. Iôlô, pai de Nivaldo, faleceu na véspera do desfile. Mesmo em luto, o grupo decidiu desfilar em sua homenagem, com a camisa preta, como uma forma de respeitar e manter viva a memória de quem sempre apoiou o grupo. Coincidentemente, naquele ano, o Umbuzeiro foi o vencedor do desfile, e o sentimento de vitória foi ainda mais significativo, com todos reconhecendo o legado de Sr. Iôlô no grupo.

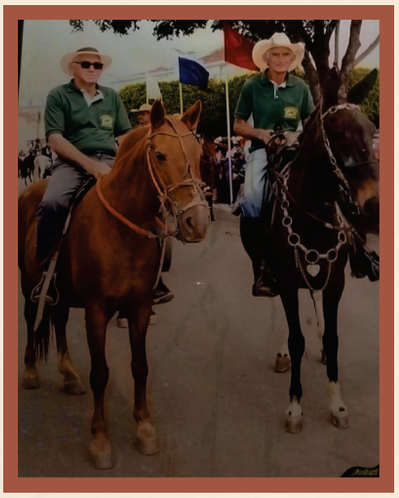
Para Nivaldo, um dos momentos mais emocionantes do desfile é quando o grupo entra na praça da Catedral, ao som do hino, com as bandeiras do Brasil, da Bahia de Caetité e com bandeira do grupo à frente. Ele descreve esse momento como sendo "a melhor parte do desfile", um instante de pura emoção. A cada ano, o grupo tem se consolidado ainda mais, com o respeito pela tradição e o desejo de honrar as raízes do Sertão e da cultura baiana.







GRUPO DE MONTARIA COWBOY DA ESTRADA



Não medimos esforços no trato dos animais durante todo ano para que cheguem nessa data bonitos e vistosos para fazerem do desfile bonito também.

O Grupo de Montaria Cowboy da Estrada foi fundado em 1999 por Valdemir Rocha e um grupo de amigos com o objetivo de participar do Desfile do Dois de Julho. O Grupo é oriundo da Comunidade Paraguai e circunvizinhas: Ilha, Mata, Lagoa do Fundo – Distrito de Pajeú dos Ventos, apesar disso é aberto, então ainda participam pessoas da sede do município.

O nome do grupo foi escolhido ao longo dos encontros desses mesmos amigos, enquanto a logomarca foi criada pelos seus fundadores e assim permanece.

Participam do Grupo Cowboy da Estrada cerca de quarenta pessoas apesar de que esse número já foi um pouco maior. Como a maioria mora na zona rural, alguns membros que gostam de participar da Levada da Cabocla, vêm para Caetité desde o dia primeiro de julho, enquanto a maioria chega mesmo no dia dois, bem cedinho.

Carlos nos relatou que eles trazem os animais de carro e chegando aqui cada um cuida de arrear e preparar o seu, de modo que todos estejam prontos no local e horário estabelecido para entrar no desfile.

Ele ainda nos narrou sobre a satisfação desse momento, "todos ficam alegres ao ver as pessoas ao longo do percurso aplaudindo, fotografando, filmando" e por isso não medem esforços no trato dos animais durante todo ano para que cheguem nessa data bonitos e vistosos para participarem e fazerem um belo desfile também.

O grupo tem a preocupação com o trato dispensado pelos participantes aos seus animais. Em geral, cada um tem o seu que é utilizado na lida diária do campo e também em momentos de lazer como as cavalgadas e uma vez ao ano participa do desfile de Dois de Julho.

Organizam essa participação uma comissão de quatro pessoas, ela se responsabiliza pela escolha da camisa por exemplo, geralmente elegem três modelos, votam entre si e mandam fazer a mais votada.

O grupo é mantido pela tradição, a união e o companheirismo dos seus membros, sendo esses os princípios que regem o grupo e também os critérios usados para que novos membros sejam aceitos, além do cuidado com os animais como citado anteriormente.

Geralmente, ao final do desfile, o grupo costuma se reunir em um espaço reservado para a realização do churrasco. Esse é um momento festivo, de encontro e alegria, embora não seja o único, uma vez que o grupo costuma realizar passeios como momentos de lazer.



GRUPO DE MONTARIA

GRUPO DE MONTARIA RANCHO DO COWBOY

Um grupo que não apenas desfila, mas que celebra a vida e a história, ano após ano, nas ruas de Caetité.

Fundado em 2001, o grupo de montaria Rancho do Cawboy completa 24 anos participando das celebrações do Dois de Julho em Caetité, mantendo viva uma tradição que mistura amizade, respeito às raízes e o amor incondicional pelos cavalos. Surgido de uma conversa despretensiosa entre amigos durante uma cavalgada promovida por outros grupos da cidade, na comunidade do Anguá, o Rancho do Cowboy nasceu da vontade de reunir-se não apenas para cavalgar, mas para participar ativamente do desfile cívico da Independência da Bahia e de outras atividades e festejos do município.

A ideia inicial parecia simples e até passageira. Joanilson, Cláudio, Gildásio, Rogério e Ciganinho não imaginavam que aquela conversa entre risadas e poeira daria início a um grupo que, anos depois, se tornaria um dos mais queridos e numerosos da cidade. Ficou decidido que Joanilson assumiria a organização, e assim, em seu primeiro ano de desfile, o Rancho do Cawboy levou às ruas 37 montadores — entre amigos e familiares.

Com o passar dos anos, a paixão pelos cavalos e o compromisso com a tradição fizeram o grupo crescer. Atualmente, conta com mais de 280 membros, dos quais cerca de 230 participam montados, enquanto os demais — esposas, filhos, amigos e apoiadores — integram os momentos de lazer, especialmente o tradicional churrasco pós-desfile, realizado desde o primeiro ano de existência do grupo.

Esse momento de confraternização, que acontece no Clube da Amizade, tornou-se uma marca registrada do Rancho. Para manter a qualidade da festa, a participação no grupo é limitada, com organização rigorosa e um cuidado especial para que todos desfrutem do lazer com alegria e segurança. Aqueles que não montam, mas vestem a camisa, também são parte importante dessa celebração, reforçando o espírito de união que move o grupo.

O nome "Rancho do Cowboy" foi escolhido com o mesmo espírito de parceria que originou o grupo. Durante as conversas sobre a fundação, alguém sugeriu "Rancho", evocando a ideia de um espaço de acolhimento e convivência. Outro completou com "do Cowboy", trazendo o estilo e a identidade dos vaqueiros urbanos que moldam a estética e a alma do grupo. A logomarca criada naquela época segue a mesma até hoje, estampada nas camisas que mudam de cor e modelo a cada ano, mas preservam a essência do grupo.

A organização das camisas, inclusive, tornou-se uma tarefa que atravessa gerações. Maria Luiza, filha de Joanilson, hoje com 19 anos, nasceu nesse universo de montaria e herdou do pai não só o amor pelos cavalos, mas também o carinho e o comprometimento com o grupo. Ela é a responsável por acompanhar a produção e garantir que cada peça represente bem o Rancho do Cowboy.

Essa herança vem de longe. Joanilson cresceu entre cavalos e o gado criados nos arredores de Caetité. É filho de João Coveiro, uma figura histórica de Caetité, conhecido por ser o primeiro morador da rua Bela Vista e criador de animais nas terras que hoje formam os bairros Ovídio Teixeira e Santo Antônio. Desde cedo, os filhos ajudavam nos cuidados com os bichos, e dali nasceu a relação profunda com o mundo da montaria.



O grupo é exigente com sua organização. Regras de comportamento durante o desfile são levadas a sério. Os participantes que desrespeitarem as normas ou causam desordem ficam impedidos de desfilar no ano seguinte, retornando apenas dois anos depois. É esse cuidado que mantém a ordem, o brilho e a reputação do Rancho.

No desfile cívico do 2 de Julho, o Rancho do Cowboy ocupa a sexta posição, determinada pela ordem cronológica de fundação dos grupos participantes. Para Joanilson, um dos momentos mais emocionantes é quando o grupo atravessa a Praça da Catedral. É ali, sob o olhar atento da cidade, que ele sente a responsabilidade e o orgulho pela organização e beleza do cortejo. "Quando o grupo passa bonito e em ordem, o coração enche de alegria", relata.

O ano de 2024 foi especialmente difícil para o grupo. Um de seus membros ativos, Zé Luiz, faleceu em 1º de julho, véspera do desfile. Mesmo abalados, os integrantes decidiram manter a participação no cortejo, levando consigo o peso da ausência e a saudade. Ao fim do desfile, desceram até a casa de Zé Luiz em gesto de homenagem, reconhecendo tudo o que ele representava para o grupo. Era um verdadeiro amante dos cavalos e da festa, cuja presença continuará viva na memória e nos corações de seus companheiros de montaria.

Mas é em figuras como Cláudio que se encontra a verdadeira essência do Rancho do Cowboy. Membro fundador, Cláudio sofreu um acidente que o afastou da sela, mas não do grupo. Desde então, ele desfila todos os anos em uma charrete especialmente adaptada, conduzido pela mesma paixão que o move desde o início. Sua presença no cortejo é mais do que simbólica — é o reflexo da força, da lealdade e da perseverança que definem o Rancho. Ao vê-lo desfilar, muitos se emocionam: ele é o coração pulsante do grupo, uma lembrança viva de que, mesmo diante das adversidades, o amor pela tradição segue firme.

E assim o Rancho do Cowboy segue, firme em suas rédeas, guiado por laços que vão além da montaria: laços de amizade, de respeito e de pertencimento.









GRUPO DE MONTARIA CAVALO DE FOGO

A força do grupo em defesa da Bahia

Essa foi a frase que a Professora Emiliana Nogueira Pita escreveu para identificar o Grupo de Montaria Cavalo de Fogo.

De acordo com um dos fundadores e atual presidente, Clécio, a ideia de fundar esse grupo já existia desde o início dos anos 90 mas saiu pela primeira vez no Desfile do Dois de Julho em 1997 com aproximadamente 20 participantes.

Eram amigos que gostavam de montar a cavalo na Festa de Dois de Julho, que ao verem a fundação de outros grupos não queriam ficar "de fora" e muito menos participar da festa no "final da fila", então começaram a pensar na hipótese de criar um grupo organizado para participar da festa. Assim eles fazem desde quando o grupo foi fundado, há quase trinta anos, com exceção de três vezes em que não ocorreu a Festa de Dois de Julho: por estado de calamidade devido a seca e por causa da Pandemia de Covid-19

Nesses quase trinta anos de história, o número de participantes mudou bastante, o grupo já chegou ao quantitativo de 160 pessoas montadas, sem contar as que compram a camisa para tomar parte na festa mas não saem montadas no desfile. De uma década para cá o grupo também conta com a presença de cavaleiros e amazonas da região vizinha de Morrinhos – município de Guanambi.

O nome do grupo traz duas histórias que marcam o momento de sua criação. A primeira inspiração teria sido uma banda de forró da época chamada Cavalo de Fogo, essa história faz saltar à memória dos contemporâneos daquela década o sucesso de muitas bandas de forró que saíram do Nordeste para fazer sucesso em todo o Brasil. Além disso, o nome também faz uma homenagem a uma pequena amazona do grupo no momento de sua fundação, a menina Sami, filha de um dos primeiros



integrantes cujos cabelos eram "cor de fogo".

Entre uma história e outra, o nome do grupo: Cavalo de Fogo, cuja logomarca também faz referência a esse nome: um cavalo com uma pequena tocha de fogo. Foi desenvolvida nos primórdios do grupo e permanece até hoje com atualização apenas nas cores e modelos das camisas usadas no desfile. Todos os anos a cor e o modelo são selecionados e compartilhados entre os organizadores para que em conjunto sejam definido, depois disso é socializada entre os membros que as compram.

O grupo Cavalo de fogo foi criado para participar da Festa de Dois de Julho de Caetité, embora esteja vinculado ao Grupo Amigos da Tabua, cuja realização principal é a famosa Cavalgada dos Amigos da Tabua.

A base do Grupo dos Amigos da Tabua é o grupo Cavalo de Fogo cujos integrantes foram mobilizados inicialmente para participar do desfile mas, como tem os seus animais e gostam muito disso, passaram a realizar a cavalgada da Tabua e participarem de outras (em comitiva) que são tradicionalmente realizadas pela região.

A cavalgada dos Amigos da Tabua está em sua 10ª Edição (2025) e os organizadores são os mesmos do Grupo de Montaria Cavalo de Fogo, Clécio, Ciro e Erinaldo. Não é possível falar de um grupo e não falar do outro.

Clécio relembrou e nos contou sobre a primeira edição da referida Cavalgada que sempre ocorre entre março e maio: "reuniu cerca de 40 pessoas ao todo, 20 cavaleiros mais ou menos, o tocador se apresentou no chão, no ano seguinte foi improvisado um carro com carroceria para os músicos e em 2024 o movimento cresceu tanto que foi contratado um trio elétrico".

Segundo ele, a cavalgada da Tabua ajuda a custear as atividades que o Grupo de Montaria Cavalo de Fogo desenvolve no dia Dois de Julho. Os recursos adquiridos auxiliam na contratação de estrutura e banda, aluguel do espaço para o churrasco que geralmente é realizado após o desfile, para os que montam e também para aqueles que muitas vezes não montam, mas compram a camisa para participarem desse segundo momento festivo.

Atualmente, cerca de 150 pessoas participam montadas. Entre estas, muitos são moradores da Tabua, onde o grupo nasceu.

Mesmo os que moram na cidade geralmente tem alguma relação com a Tabua, lá que tem os seus pequenos terrenos e criam seus animais.

Enfim, o retorno financeiro da cavalgada é investido na festa do Dois de Julho para que a camisa fique com um valor mais acessível, uma vez que, muitas famílias inteiras querem participar e não teriam como arcar com o custo da festa se este fosse tirado apenas no valor das camisas.

Dito isso, observamos a motivação dos organizadores. Em seus depoimentos paira uma satisfação imensa em ver as pessoas felizes em participar da festa, assim como a manutenção de uma tradição familiar herdada das gerações passadas que lidavam com animais que chegou até o presente e se mantém no ato de criar, cuidar e montar a cavalo.

Neste sentido, os depoimentos deixam transparecer o grande entusiasmo dos integrantes ao estarem presente na Festa do Dois de Julho e nos outros eventos vinculados ao grupo. Histórias como a de Diana (in memória) é prova disso. Ela foi uma dessas entusiastas que fazia questão de comprar a camisa, (da primeira até enquanto viveu) e entre seus últimos pedidos em vida estava o uso da camisa do grupo em cima do seu caixão e assim foi feito.

Os laços de amizade construídos aí vão além da montaria, mas tem nela o elo da história, dos costumes e das tradições das pessoas e do seu lugar. O fato de organizar, fazer parte, de ser parte do desfile se torna um ato de defesa da Festa do Dois de Julho de Caetité, bem como de suas tradições e de sua história. E assim segue o Grupo de Montaria Cavalo de Fogo rumo aos seus trinta anos de existência.













GRUPO DE MONTARIA

GRUPO DE MONTARIA SANTA BÁRBARA

“A gente sempre se reuniu pelo prazer de montar. O grupo nasceu da amizade, e é isso que seguimos celebrando.”

Montar no 2 de Julho é, para o Grupo Santa Bárbara, mais do que tradição: é reencontro com suas origens. Criado em 2006, o grupo surgiu do reencontro de amigos caetiteenses, alguns dos quais viveram fora da cidade para estudar — algo comum entre os jovens do município naquela época. Apesar da distância, esses amigos nunca se afastaram do amor pela cultura local, pelos cavalos e, sobretudo, pela tradição das cavalgadas.

João Paulo Silveira, caetiteense e apaixonado pelas festas cívicas do 2 de Julho, participou desde criança dos desfiles, representando personagens nos quadros históricos, vestido com a farda do batalhão dos Periquitos, sempre montado. Durante o período em que estudava fora, em Salvador, sua presença nos festejos era intercalada por idas e vindas. Mas, ao retornar à cidade em 2004, já formado em Direito, João percebeu que o desfile do 2 de Julho havia ganhado uma nova dinâmica: os grupos de montaria agora eram organizados e desfilavam em ordem definida.

Com o reencontro com antigos amigos de cavalgada, o desejo de retomar as trilhas juntos foi tomando forma. Foi a partir de uma dessas cavalgadas entre amigos — Mário, Junior, Roney e Tony de Toniquinha — que nasceu a ideia de criar um grupo próprio. Em 2006, o Grupo de Montaria Santa Bárbara estreava no desfile com cerca de 50 integrantes, ainda sem muita estrutura, mas com entusiasmo de sobra.

A inspiração para o nome veio da Fazenda Santa Bárbara, propriedade da família de João Paulo, onde os amigos tradicionalmente se reuniam antes de sair, cavalgando pelo interior do município.

O casarão da fazenda, símbolo da história e das memórias de infância de João, tornou-se o emblema do grupo. Desde as primeiras camisas — que traziam o desenho do casarão e a frase “um laço de amizade” — até as atuais, que mantêm a imagem como referência central, a estética do grupo reflete um sentimento de pertencimento e vínculo afetivo com o lugar.

Uma das lembranças mais marcantes dos primeiros anos foi a produção do estandarte de Santa Bárbara, confeccionado pela avó de João Paulo, que abria os desfiles antes mesmo da criação de uma bandeira oficial. Se nos primeiros anos havia espaço para a descontração e o consumo de bebidas durante o desfile, hoje, o grupo se apresenta com mais organização, respeitando o caráter cívico do evento.

João Paulo foi eleito pelo próprio grupo para assumir a responsabilidade pela organização. A escolha foi natural, já que a Fazenda Santa Bárbara — de sua família — sempre foi o ponto de partida das cavalgadas e local de encontro.

O grupo mantém até hoje a tradição de realizar uma festa logo após o desfile cívico. Essa confraternização, que inicialmente acontecia na casa de Dona Iara, mãe de João Paulo, na Rua Barão de Caetité, agora ocorre na Casa do Parque, no Parque das Árvores.



A festa é marcada por churrasco e banda, começa logo após o desfile e adentra a noite. Nos últimos anos, tem reunido entre 200 e 220 pessoas, sendo uma das mais procuradas por aqueles que curtem os festejos do 2 de Julho e reconhecem no Grupo Santa Bárbara um símbolo dessa tradição.

Durante o desfile, o grupo já chegou a reunir até 140 cavaleiros montados, número que demonstra a força e a representatividade do Santa Bárbara no contexto das celebrações cívicas da cidade. É também conhecido pela forte presença de famílias inteiras: maridos, esposas e, principalmente, crianças. Os filhos dos primeiros integrantes cresceram participando da cavalgada e, hoje, ocupam seus próprios lugares dentro do grupo.

Entre eles, destaca-se César, filho de João Paulo. Com 15 anos já é responsável pelo cuidado com os cavalos da família, montando desde os dois anos de idade. Sua paixão é visível até nas redes sociais, onde já publicou fotos expondo todas as camisas do grupo — peças que utiliza com frequência nos momentos em que está a cavalo. As camisas são cuidadosamente preservadas pelo pai, que guarda com carinho quase todos os modelos — com exceção da de 2007, a única perdida.

Esse cuidado com os detalhes, herdado e cultivado em família, reflete o mesmo espírito que orienta a participação do grupo no desfile do 2 de Julho. A preparação para o evento envolve um trabalho coletivo: alinhar trajes, coordenar a saída dos cavaleiros, garantir a presença das famílias e manter viva a essência do grupo. João Paulo acompanha cada etapa desse processo com o mesmo zelo com que preserva as camisas e cultiva as memórias que o grupo carrega ao longo dos anos.

Paloma Cristina, esposa de João Paulo, reforça esse sentimento de pertencimento. Ela relata, com emoção, como é especial vestir a camisa, sentir o coração acelerar ao passar pela Praça da Catedral e perceber os olhares do público. Vinda de outro universo, ela encontrou nas cavalgadas um lugar de integração com a cultura local, impulsionada pelo marido e pelo filho. "É um orgulho que não tem como explicar", diz.

Apesar da admiração do público e do número crescente de participantes, o Grupo Santa Bárbara não tem como foco ganhar premiações no desfile. Já usaram faixas de abertura, mas evitam carros alegóricos e produções muito elaboradas. O que importa, para eles, é manter o essencial: a montaria, a amizade e a alegria de reencontrar os amigos.

No fim das contas, é isso que define o Grupo de Montaria Santa Bárbara: um grupo que nasceu de amigos, cresceu com famílias e se mantém com vínculos verdadeiros. Montam não apenas por tradição, mas por prazer. Reúnem-se não apenas por festa, mas por afeto. Carregam nas camisas o desenho de um casarão, mas nos gestos e nas memórias carregam um lar.





GRUPO DE MONTARIA

GRUPO DE MONTARIA AMIGOS DE MANIAÇU

O que começou como um pequeno grupo de amigos, hoje é uma grande família de centenas, com a força de uma tradição que atravessa o tempo."

O Grupo Amigos de Maniaçu nasceu de uma simples ideia: reunir amigos em torno de uma paixão comum. Em 1996, no bar de Valtim, um pequeno grupo de cavaleiros se encontrou para uma cavalgada e uma corrida de cavalos, num evento que unia diversão e confraternização. A princípio, não havia grandes pretensões. Era um encontro entre amigos para celebrar a vida e a amizade, uma reunião simples, mas com uma força que só o Sertão poderia oferecer. A cada encontro, os laços se tornavam mais fortes, e o que antes era apenas um momento de lazer transformou-se em um movimento que ecoaria por décadas.

O nome "Amigos de Maniaçu" reflete a verdadeira essência do grupo. Não é apenas uma referência geográfica, mas um símbolo de união, amizade e de um modo de vida que perdura ao longo dos anos. Maniaçu, o maior distrito do município de Caetité, localizado a apenas 26 km da cidade, sempre foi um local de forte ligação com a cultura sertaneja. O grupo nasceu ali, no coração do Sertão, e se tornou uma expressão genuína da força e da cultura local.

A logomarca do grupo, criada em 2009 através de um concurso nas Escolas Municipais de Maniaçu, logo se tornou um ícone de sua identidade. O desenho vencedor foi feito por uma aluna do 5º ano da Escola Municipal Mauricio Gumes, refletindo a história e os valores do grupo. A bandeira, com o desenho vencedor, tornou-se um símbolo importante para o grupo. Ela é tradicionalmente carregada pelo organizador do grupo ou, na falta deste, por um membro eleito para a função.

O Grupo Amigos de Maniaçu fez sua primeira aparição no desfile cívico do 2 de Julho em Caetité em 2004. Desde então, tem sido uma presença constante no evento, crescendo a cada ano. No desfile de 2024, com 400 participantes, o grupo consolidou-se como uma das maiores expressões da cultura sertaneja na cidade. Ao longo dos anos, se destacou por sua organização, recebendo reconhecimento em diversas edições do desfile. O grupo alcançou a 2ª e 3ª posições no concurso de apresentações do desfile em três edições consecutivas, o que é motivo de grande orgulho para todos os seus membros.

Em suas palavras, Meza, uma das responsáveis por manter viva essa tradição, afirmou: "No começo, éramos apenas um grupo de amigos se divertindo, mas a cada ano, isso foi crescendo e se tornando mais significativo. Hoje, a Festa da Mandioca e o desfile do 2 de Julho são momentos em que vemos o quanto nossa união fez a diferença na nossa comunidade e na nossa cultura."

Mas o grupo não se limita ao desfile. Sua maior festa, a Festa da Mandioca, é o evento que marca a cultura de Maniaçu. O que começou de forma simples, com corridas de cavalo organizadas pelo próprio grupo, hoje se tornou o maior evento do distrito. A festa reúne cavaleiros e amazonas de diversas regiões, e conta com desfiles das escolas locais, apresentações de banda musical e muita animação.



O crescimento dessa festa foi tanto que, atualmente, a maior parte da organização está sob responsabilidade da prefeitura, com o apoio das escolas, da comunidade e, é claro, do grupo de montaria. A Festa da Mandioca é um reflexo da força da união entre o grupo e a comunidade, uma celebração que se renova a cada ano, sempre com o objetivo de preservar as tradições e valores locais.

A participação das mulheres e das crianças no grupo tem crescido ao longo dos anos. Desde pequenas, as crianças acompanham os pais e avós, aprendendo o valor da tradição e da amizade. As mulheres, com sua força e dedicação, se tornaram peças fundamentais na manutenção do grupo e de suas tradições. A comunidade é um reflexo de cada um de seus membros, unidos pela mesma causa, pelo mesmo amor à terra, ao cavalo e à amizade.

O Grupo Amigos de Maniaçu é mais do que um simples grupo de montaria. Ele representa a resistência de um povo que não se deixa esquecer. Carrega nas costas a força do Sertão, a amizade que nunca se desfaz e a memória de um passado que se mantém vivo, apesar dos desafios. Cada encontro, cada cavalgada, cada desfile é um testemunho da força da união. E, acima de tudo, é um lembrete de que, enquanto houver amizade, a história do Sertão continuará a ser escrita, de geração em geração.









GRUPO DE MONTARIA MARACAIBO



A festa de Dois de Julho de Caetité é uma vitrine.

O Grupo de Montaria Maracaibo surgiu em 1994 como uma ramificação do Haras de mesmo nome, fundado em 1990 por Ricardo de Tadeu Ladeia e seus familiares.

De acordo seus atuais representantes, a Sra. Tânia e seu filho Gustavo, o Maracaibo surgiu da necessidade e da vontade de Dr. Ricardo de participar da vida pública de Caetité, considerando seus propósitos no mundo da política e a visibilidade que a Festa do Dois de Julho sempre representou e deu às autoridades locais.

Sendo assim, não há como falar do Grupo de Montaria Maracaibo sem falar, ainda que sucintamente, da fundação do Haras Maracaibo e da vida pública de Dr Ricardo Ladeia.

Ele retorna a Caetité em 1986 e em 1988 se candidatou pela primeira vez ao cargo de vereador, neste ano, a família participou do Dois de Julho como tradicionalmente ocorria na época, sem uniforme.

No ano seguinte, 1989 ele comprou cinco éguas Manga Larga marchador e com elas teve início as atividades do haras que está localizado no município de Guanambi, cinco km depois da sede no sentido a Monte de Alto, apesar de sua estrita relação com atividades em Caetité

No contexto da criação dos primeiros Grupos de Montaria em Caetité, no início dos anos 90, Dr. Ricardo sentiu a necessidade de criar um grupo, até porque, a essa altura, o Haras já estava em funcionamento e seria uma forma de divulgar sua marca, então o Grupo de Montaria Maracaibo sai pela primeira vez no ano de 1994.

O nome Maracaibo está ligado primeiramente ao registro do haras junto a Associação dos criadores de cavalo manga larga, se refere a uma cidade da Venezuela muito prospera, muito rica, então Dr. Ricardo queria o nome do haras associado a essa característica, a força e a prosperidade. Enquanto a logomarca do grupo faz referência direta ao cavalo, razão de sua existência.

Todos os anos em que o Grupo esteve presente no Dois de Julho, enquanto Dr. Ricardo viveu, as camisas foram doadas e dele participavam cerca de 60 pessoas, entre familiares, amigos e também funcionários da sua fazenda. Geralmente, as atividades desse dia terminavam com uma feijoada entre os membros, uma vez que, muitos deles, vinham da zona rural e de outros municípios.

A essa altura, não se pode deixar de dizer que o Grupo Maracaibo foi festeiro do Dois de Julho no ano de 2000, quando a festa ainda era realizada no formato de festeiro – sorteio da bandeira. Acerca disso, Dona Tânia Ladeia, nos relatou uma curiosidade, neste referido ano, outra pessoa havia sido sorteada para receber a bandeira, entretanto, assim que ela recebeu, repassou ao Dr. Ricardo, que, por coincidência ou não, neste mesmo ano, foi candidato a prefeito de Caetité e ganhou pela primeira vez as eleições para o executivo municipal. Esse não é um caso isolado quando falamos sobre a relação entre a festa do Dois de Julho de Caetité e a política local.

Esse é um assunto interessante que ficará para outro texto, uma vez que nos interessa aqui

aqui o fato de o Maracaibo ter sido Grupo Festeiro do Dois de Julho dentro de um pequeno universo de grupos que também tiveram essa experiência, que certamente fortaleceu o Maracaibo e o manteve presente nos Festejos de Dois de Julho por muitos anos mesmo após a morte repentina de Dr. Ricardo Ladeia em outubro de 2016.

Em 2017, seus filhos e familiares tomaram a difícil mas importante decisão de dar continuidade às atividades do Grupo de Montaria sem a presença do seu titular. Durante este desfile, todos os que presenciaram, se emocionaram com a cena onde o famoso cavalo Seresteiro de Dr. Ricardo esteve à frente do grupo, puxado por sua filha Raquel Ladeia, arreado, levando apenas seu chapéu.

De acordo com a entrevista feita com os atuais representantes, este também representou um momento de renovação e atualização dos propósitos e do perfil do Grupo Maracaibo, agora não mais ligado tão à política como antes, mas principalmente voltado à valorização da cultura local e às atividades com cavalos sem perder de vista a história e a memória do seu fundador.

A logomarca criada no ano de 2000, pelo próprio Ricardo, foi mantida, nela contém o formato do casco do animal, uma ferradura, o R de Ricardo, fundador do grupo (o ferro do haras) com um cavalo grande.

Para a participação dos últimos desfiles, depois do retorno da Festa de Dois de Julho com o fim da pandemia de Covid-19, o grupo, por meio dos seus atuais administradores, investiu em algumas inovações principalmente em relação ao vestuário.

Foi introduzida uma camisa em malha UV por causa do calor que geralmente faz no dia dois de julho e também para que os componentes possam usá-las depois, já que muitos deles trabalham no campo e também para que ao usá-las, façam uma propaganda do haras. Além das bandeiras oficiais, faixas passaram a ser usadas na intenção de valorizar o momento festivo e os acessórios para embelezar os animais.

O número de participantes continua basicamente o mesmo, entre os quais mais homens do que mulheres, embora elas e as crianças também estejam presentes nos desfiles de Dois de Julho. Para além dos organizadores, esses cavaleiros e amazonas se responsabilizam pela manutenção da ordem que o momento requer, embora o Maracaibo nunca tenha saído com a intenção de competir ou ganhar o concurso dos grupos de montaria.

A fala dos seus representantes exala a satisfação, a alegria e a emoção que representa desfilar pelas ruas de Caetité no Dois de Julho, apesar de este não ser o único evento em que o Maracaibo se faz presente.

O grupo participa de outras comemorações como o Sete de setembro em Guanambi, cavalgadas fechadas, como também promove as suas cavalgadas agregando valor ao seu nome e interagindo com a comunidade.

Interação que ocorre também por meio do haras que, além das suas atividades econômicas voltadas para a criação, comércio, cuidado e trato dos cavalos, exercita a filantropia por meio das atividades de ecoterapia e parcerias com Instituições Universitárias – Curso de Medicina Veterinária por meio de cursos e treinamentos usando seus espaços e seus animais.

Dito isso, percebemos que a história do Grupo de Montaria está entrelaçada à do Haras Maracaibo e ambas estão intrinsecamente ligadas ao seu fundador e à Festa de Dois de Julho de Caetité. Pelos seus trinta anos de história a nossa reverência ao seu fundador Dr. Ricardo Ladeia e aos atuais representantes e participantes por manter vivo o espírito cívico, cultural e o gosto pelos animais de montaria.



GRUPO DE MONTARIA IPIRANGA

Colegas de trabalho e amigos que já se reuniam para montar e passear a cavalo pela região de Santa Luzia.



O Grupo Ipiranga foi fundado no ano de 2013. Alguns dos fundadores foram Cristiano, Gileno, Alonso, Sérgio, Pedro, Sidinei, Robertinho, Carlos, Dedé, Zé Luiz, Leandro, Zinho.

Destes, alguns eram colegas de trabalho e outros amigos que já se reuniam para montar e passear a cavalo pela região de Santa Luzia, município de Caetité, onde eles residem.

Ao contrário do que se pode pensar, o nome do grupo, "Ipiranga", não se refere ao famoso riacho pelo qual Dom Pedro passava quando tradicionalmente teria proclamado a independência do Brasil, menos ainda à etimologia indígena – tupi dessa palavra. Na dúvida sobre qual nome dariam ao grupo, foi consenso entre os fundadores, o termo Ipiranga cuja referência era o nome do posto de combustíveis onde eles trabalhavam e assim ficou.

De acordo com o casal Cristiano e Rita de Cássia o Grupo de Montaria Ipiranga é um pequeno grupo composto por familiares e amigos cujo gosto pelos cavalos remete à vida e ao trabalho no campo e ao tempo de suas infâncias, quando eles iniciavam o seu contato com os animais, fato comum aos habitantes da zona rural que os utilizavam com muita frequência em seu cotidiano.

Segundo eles, como boa parte desses cavaleiros e amazonas moram em localidades próximas à sede do município, no dia dois de julho, eles já vêm montados, chegam cedo, se encontram no Campo das Cobras para um café compartilhado juntamente com o grupo que vem de carro de boi e seguem para o local onde o desfile é organizado.

A participação dos carros de boi é uma tradição no Grupo Ipiranga, um carro de boi sempre abre o desfile do grupo e outros da região, geralmente participam da parte cívica, eles representam e caracterizam a participação do Sertão no processo de conquista da independência da Bahia.

Depois do desfile, os integrantes do grupo têm o costume de voltar ao Campo das Cobras, onde organizam outra refeição. Diferente da maioria dos grupos, o Ipiranga, não faz churrasco fechado custeado pelo valor da camisa. Alguns itens são compartilhados, enquanto outros, como as bebidas são vendidas por terceiros.

Cristiano lembra todo o trabalho que é organizar um grupo de montaria, montar a logomarca, escolher o modelo, a cor da camiseta, depois de pronta, separar e distribuí-las entre os membros. Ele ressalta a colaboração primorosa da família nesse processo e o resultado é muito gratificante. É bonito de ver a emoção com a qual ele e sua esposa falam sobre a passagem dos cavaleiros e amazonas pelo percurso, em especial, pela Praça da Catedral.

A satisfação gerada pela presença do grupo no desfile salta aos olhos de quem os escuta falar sobre o assunto. Ao que parece, o gosto por essa festa é aprendido desde cedo, visto a presença e o entusiasmo de muitas crianças que, acompanhadas de seus pais, participam, gostam e esperam por esse momento festivo.

Outra particularidade do Grupo Ipiranga foi a sua participação do desfile cívico por duas vezes representando o Batalhão dos Periquitos à convite da Secretaria de Educação. Talvez as únicas vezes em que um grupo de montaria se dispôs à tal feito, depois disso, por questões de logística e de diálogo com os outros grupos, a representação histórica desse batalhão voltou à responsabilidade das escolas.

Devido ao fato de o grupo chegar cedo e vir pronto, o investimento e adequação ao tema do ano fica comprometido. Dessa forma, o contentamento é apenas estar uniformizados para a participação no desfile sem preocupação com o resultado do Concurso dos Grupos de Montaria.

Enfim, o Grupo Ipiranga, em sua simplicidade, traz consigo a marca simbólica de uma Caetité rural, muito resiliente e forte que tem na presença e na participação sua maior satisfação.

Satisfação em participar do Dois de Julho e também de outras atividades. Cristiano nos relatou por exemplo uma pequena romaria ao Bom Jesus da Lapa, realizada em 2018, em cumprimento a uma promessa feita pela saúde da sua filha Sara. Graça alcançada, promessa cumprida!

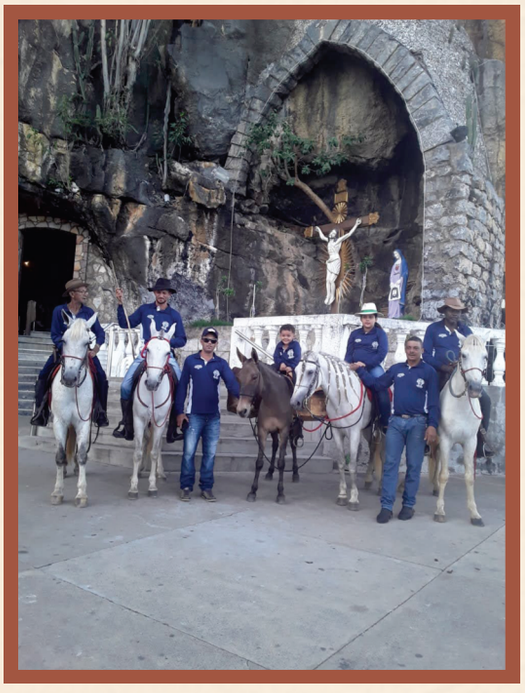
Como a experiência foi bem sucedida, depois dessa primeira outras já foram realizadas com um pequeno grupo de cavaleiros, e agora em março de 2025, o grupo Ipiranga de Carreiros realizou a primeira romaria de carros de boi.

Participaram mais de trinta carros de boi vindo de Caetité e municípios vizinhos, as pessoas e os animais foram de carro até um local próximo à entrada da cidade e lá organizaram uma linda procissão até o Santuário do Bom Jesus, onde foram acolhidos e abençoados.

Ações como essas fortalecem a identidade do sertanejo que, apesar das dificuldades do dia seguem fortes e se orgulham das suas tradições.









GRUPO DE MONTARIA

GRUPO DE MONTARIA GUERREIROS DA PAZ

Um pequeno grupo de amigos sempre pronto para cavalgar e fazer um churrasco...

Esse é um dos princípios do Grupo de Montaria Guerreiros da Paz.

O grupo foi fundado em 2015 e tem sua origem na região rural de Caetité conhecida como Lagoa de Felix Pereira.

José Luiz S. de Souza, José Luiz S. Pereira e André estão entre os fundadores do grupo e nos contaram um pouco dessa história.

O primeiro a lançar a ideia foi José Luiz Pereira, ele relembrou sobre o gosto por cavalos que remete à infância de quem nasceu e cresceu na zona rural, onde "montar a cavalo" era uma atividade trivial, muitas vezes ligadas ao simples ir e vir, e às vezes correspondia também a momento de lazer.

Há mais ou menos dez anos, uma dezena de amigos resolveram sair em cavalgada, essa prática se tornou a rotina de muitos fins de semana. Geralmente no percurso, faziam paradas onde não faltava o churrasco. Esses amigos, muito unidos, resolveram criar um grupo de montaria e assim o fizeram,

Zé Luiz Pereira indicou o nome Guerreiros da Paz, os outros acataram e assim teve início o Grupo de Montaria Guerreiros da Paz. Para eles esse nome é simbólico, o "guerreiros" advém da característica dos membros do grupo de realizar suas atividades de cavalgada sem medir distância ou dificuldade, "quando um fazia alguma proposição todos os outros apoiavam" e o termo "paz" faz referência à união entre os membros, além disso um propósito do grupo, seria fazer amizade por onde passassem.

Assim, o grupo começou a participar da Festa de Dois de Julho de Caetité e isso ocorre desde a data da sua fundação.

O ingresso de membros no grupo ocorre de várias formas, alguns são convidados outros buscam os organizadores, existe uma procura por se tratar de um grupo de amigos, de pessoas de respeito, aberto a receber pessoas de muitos lugares. Embora boa parte dos membros seja da Lagoa de Felix Pereira, onde o grupo chega encontra e faz amigos.

A coordenação fica sob a responsabilidade de uma comissão de oito pessoas que pensam e decidem sobre organização do grupo no Desfile do Dois de Julho, a confecção - venda das camisas e também sobre a festa – churrasco que geralmente é realizado depois da parte cívica.

Atualmente o grupo conta com mais ou menos 60 pessoas montadas, entre as quais também mulheres e algumas crianças. Essas últimas são muito incentivadas a participarem pois são vistas como a garantia da continuidade do grupo e também da festa.



Para o churrasco a quantidade aumenta para cerca de 250 pessoas. O tempo foi dando experiência e ensinando a equipe organizadora a lidar com essa quantidade de gente. O custo da alimentação e da estrutura é tirado da venda das camisas. Os organizadores não visam lucro, apenas fazer as camisas e a festa. Esse momento festivo já ocorreu em vários espaços, costuma mudar de acordo com a disponibilidade ou não deles no dia do evento. Esse momento vai ao encontro da essência do grupo: o encontro com os amigos, inclusive de outros grupos que vão passando e visitando.

Para eles, Dois de Julho é um dia de alegria e participar do desfile é motivo de satisfação e orgulho, assim como estar em outros eventos de cavalgada levando o nome Guerreiros da Paz.







GRUPO DE MONTARIA IRMANDADE

Nossa marca registrada é o branco

O Grupo de Montaria da Irmandade foi fundado em 2019, por amigos apaixonados por cavalos, com intuito de fomentar o esporte da cavalgada, reencontrar os amigos e revisitar as histórias de longa data.

De lá para cá, o grupo veio se fixando e se avolumando, mantendo tradição de participar do Desfile de Dois de Julho de Caetité, já que muitos dos seus membros assim o faz desde crianças, como também os princípios da amizade, que vão além laços de parentesco.

No Grupo de Montaria Irmandade uma particularidade chama atenção: a predominância da cor branca em suas camisas, à ela são incorporados apenas alguns detalhes coloridos que fazem alusão ao tema tratado no ano ou às cores da Bahia e do "Bahia".

Sobre isso Cesar Neto, um dos seus representantes no relatou que a inspiração foi o Grupo carnavalesco de Salvador Filhos de Gandhy, cujos princípios acordam em muito com os do Grupo Irmandade: a amizade e a alegria do encontro.

Cesar ainda acrescenta que o Grupo Irmandade é de todos os seus membros e ultrapassa os laços de parentesco, embora tenha sido fundado por ele e sua família consaguínea: Júlio Cesar seu pai, Diego e Morgan seus irmãos, os primos Ronildo, Renilson e Pedro Herique, os amigos próximos Sílvio, Eduardo, Ivanley, Jan e seu filho José Antônio.

A presença marcante dos familiares e dos muitos amigos conduziu o grupo unido até aqui, conglomerando o objetivo do lazer e a paixão por cavalos.

O Grupo Irmandade não tem fins lucrativos ou políticos apesar da tradição política da sua família no município Caetité.



Cesar nos lembrou que o Irmandade é, originalmente, dissidente do Grupo Maracaibo cujo fundador, o Dr. Ricardo Ladeia, membro da família, era também sua liderança política.

Depois do falecimento de Dr. Ricardo, Júlio, seus filhos e algumas pessoas próximas da região de Pajeú dos Ventos resolveram montar o seu próprio grupo e neste contexto surgiu o Grupo Irmandade.

Cesar e Sílvio falaram sobre a satisfação em participar desse momento festivo desde a infância e agora como membros do Grupo de Montaria Irmandade e dos desafios que essa festa apresenta pela dimensão que ela foi tomando com o tempo, principalmente no que se refere à presença imponente dos milhares de cavalos presentes nesse desfile.

Neste sentido, reiteram sobre os investimentos que os criadores e apaixonados por cavalos fazem para apresentar seus animais nessa e em outras festas pela região.

O grupo Irmandade participa de outros eventos como também organiza suas próprias cavalgadas, as vezes com poucas pessoas e distâncias pequenas, outras vezes, com mais cavaleiros percorrendo extensões maiores. Tudo isso é movido pelo entusiasmo e pela paixão pelas montarias e mais ainda pelo prazer de estar entre amigos – irmãos.

Enquanto Grupo de Montaria, o Irmandade, é um dos mais novos integrantes do Desfile de Dois de Julho de Caetité, entretanto, seus membros trazem consigo a memória afetiva de ter "nascido e crescido" participando com seus pais do Dois de Julho e agora assumiram para si o compromisso de manter viva a tradição dessa festa e o gosto pelos cavalos.











GRUPO DE MONTARIA RÉDEA CURTA

"O que começou como um simples encontro de amigos, hoje se transforma em uma grande festa de amizade e tradição."

O Grupo de Montaria Rédea Curta surgiu de uma paixão compartilhada por um grupo de amigos que amam cavalgar. Desde os primeiros encontros, na região de Ibiassucê, Campinas e Santa Luzia, o grupo se formou de maneira espontânea, com amigos se reunindo regularmente para cavalgadas aos domingos. Ao longo dos anos, esse encontro de cavaleiros foi crescendo, mas o grupo nunca foi grande, sempre reunindo cerca de trinta amigos, com dezoito a vinte cavaleiros se encontrando com frequência para essas cavalgadas de fim de semana.

Com grande parte dos integrantes oriundos das regiões de Santa Luzia, Baixão e Pedra Grande, o grupo tornou-se uma tradição local, com cavalgadas sempre marcadas para os domingos. Mas foi em 2024 que o grupo deu um passo importante e se consolidou como o Grupo de Montaria Rédea Curta, desfilando pela primeira vez no Desfile do Dois de Julho em Caetité. No primeiro ano de participação oficial, o grupo saiu com 18 integrantes, já se destacando pela organização e pela animação de seus membros.

O nome do grupo surgiu em um momento de diálogo entre os amigos, refletindo tanto a essência das montarias quanto a conexão dos cavaleiros com o universo do cavalo. Como afirmou Marcos de Oliveira, um dos fundadores e organizadores, "A palavra 'rédea' remete ao controle e à união com o cavalo, enquanto 'curta' simboliza a leveza e a proximidade que buscamos em nossos passeios e nas relações dentro do grupo."

Em sua estreia no desfile, o grupo foi o penúltimo a sair, ficando à frente de outro grupo que tam



bém se formou em 2024. A sensação de desfilar pela primeira vez foi descrita por Marcos como "maravilhosa, indescritível. Ver o grupo todo, bem organizado, passando pela praça, sendo observado por todos, foi um momento de muito orgulho." Para o desfile, o grupo tomou emprestada uma bandeira da Secretaria de Educação e confeccionou uma faixa com o nome do grupo. Contaram também com um carro de som para puxar o desfile.

A camisa, um dos maiores diferenciais do grupo, foi cuidadosamente escolhida. Feita de tecido de alta qualidade, com botões e um bordado especial nas costas, a camisa chamou atenção durante a passagem na praça. Embora tenha um custo elevado, o grupo vê isso como um investimento no visual e na identidade do Rédea Curta, já que eles se orgulham de desfilar bem arrumados. A camisa é usada também em outros passeios e eventos ao longo do ano, refletindo o carinho e o orgulho que cada membro tem por fazer parte. O grupo não tem fins lucrativos na venda das camisas, a união e a celebração da amizade são os maiores benefícios dessa tradição.

Além do desfile, o grupo também promoveu o seu churrasco pós-desfile em 2024, realizado ao lado do Bar de Kadu, no Mulungu. O evento foi marcado pela alegria, confraternização e, claro, pela presença dos amigos e familiares que fazem parte dessa história. A expectativa para o futuro do grupo é clara: "Continuar participando do desfile cada vez mais organizado, com um maior investimento nas representações da nossa cultura sertaneja."

A importância da colaboração e da amizade é evidente nas palavras de Marcos, que reconhece o apoio fundamental de amigos como Rafael e Jean, que ajudam na organização do churrasco e em outros aspectos logísticos do grupo no desfile do Dois de Julho. Para Marcos e para o Grupo Rédea Curta, o mais importante não é o prêmio ou a posição no desfile, mas a amizade, o respeito aos animais e a preservação das tradições do sertão, que continuam a ser passadas de geração em geração, de cavaleiro para cavaleiro.







GRUPO DE MONTARIA FEMININA LARA FERNANDES



“A noite de 1º de Julho é o nosso momento de glamour. É quando a gente monta, se arruma, se emociona e se orgulha do que construiu.”

A história do Grupo de Montaria Feminino Lara Fernandes não começou como grupo, tampouco com intenções de tradição. Tudo começou com um desejo simples, mas profundo: o de participar. Em outubro de 2009, dezessete mulheres se reuniram para realizar o que seria apenas uma cavalgada — mas que logo se transformaria em movimento. Até então, apenas os homens da família organizavam cavalgadas e participavam das celebrações montadas. Mas naquele ano, D. Oneide, Fabiane Lemos e Késia — sogra e noras, unidas também pela paixão — decidiram que as mulheres também iriam montar.

A primeira cavalgada saiu de Caetité rumo a Lagoa Real, num percurso de 45 km. As mulheres, determinadas e entusiasmadas, foram acompanhadas por Jânio, responsável por dar todo o suporte necessário aos animais. Não houve patrocínio nem estrutura, apenas coragem, amizade e vontade de viver a experiência.

Em janeiro de 2010, o grupo sofreu uma grande perda: D. Oneide faleceu, deixando saudade, mas também um legado de força, acolhimento e estímulo. Foi ela quem incentivou a criação da cavalgada feminina, quem cuidou dos bastidores com generosidade e quem, mesmo sem montar, foi o alicerce do início. Ainda assim, o grupo decidiu continuar. Em outubro do mesmo ano, impulsionadas por novas adesões e pela memória de D. Oneide, foi realizada a segunda cavalgada, agora, com cerca de 30 mulheres.

No ano seguinte, já integrava o grupo a amazona Lara Fernandes, que logo se encantou com a proposta e fez um convite: que a próxima cavalgada fosse em sua roça. Assim, em 2011, o grupo expandiu horizontes e passou a incluir diferentes rotas e anfitriãs. O que era apenas uma confraternização tornou-se um coletivo feminino com identidade própria.

Foi em 2012 que o grupo entrou para a história da cidade ao ser convidado a acender a pira da Independência — cerimônia que abre oficialmente as celebrações do 2 de Julho em Caetité. Naquele ano, ainda chamadas apenas de “Grupo de Cavalgada Feminina”, as mulheres confeccionaram suas primeiras camisas, organizaram-se e participaram com brilho e emoção. A tocha foi conduzida por Lara Fernandes, que desceu todo o percurso com ela em mãos até acender a pira na Praça da Catedral.

Em 2013, Lara faleceu. A dor da perda transformou-se em homenagem, e por decisão unânime, o grupo passou a se chamar Grupo de Montaria Feminino Lara Fernandes. Desde então, participa todos os anos do desfile cívico na noite de 1º de julho, na tradicional Levada da Cabocla à Pedra do Conselho, reunindo uma média de 60 mulheres montadas, cada uma trazendo na roupa e no olhar o brilho de um legado.

A logomarca do grupo, criada após a morte de Lara, carrega seus símbolos: uma ferradura, uma menina loira em silhueta, e duas estrelas — uma na espora e outra na ponta da taca — representando Lara e D. Oneide.

Além da participação cívica, o grupo realiza anualmente diversas cavalgadas. Algumas chegam a durar o dia inteiro, com saídas de manhã e chegada à noite, muitas vezes sob sol ou chuva, sempre com entusiasmo. Fabiane relata que as cavalgadas são "terapias", e a mais recente foi descrita como "maravilhosa", com chuva no caminho e a companhia da natureza. Em anos recentes, já organizaram cavalgadas em outros municípios, como Igaporã, terra de Luiza, uma das integrantes.

O glamour da noite do 1º de Julho, no entanto, é um capítulo à parte. As mulheres investem em camisas brilhantes, calças combinadas, botas, acessórios, cabelo e maquiagem. Tudo é cuidadosamente pensado, com valores que chegam a R$ 165 por camisa, incluindo o custo de carro de som e meninos de apoio. A produção da camisa é coordenada por Fabiane Lemos e Fabiana, da empresa Maluana, com sugestões do grupo. O desfile é um momento esperado o ano inteiro, e, como diz Fabiane, é como "desfilar numa passarela de miss" ao passar pela Praça da Catedral.

Ao longo dos anos, o grupo já passou por transformações. Inicialmente, os novos membros eram indicados e votados, mas esse processo foi abolido por gerar constrangimentos. Hoje, o grupo é fechado e quem participa das cavalgadas o faz por convite da anfitriã. Algumas convidadas continuam frequentando e, com o tempo, acabam sendo acolhidas naturalmente. Há também um estatuto interno, conhecido pelas integrantes mais antigas, que estabelece normas de convivência — entre elas, o respeito mútuo e o veto a discussões sobre política ou religião.

As cavalgadas exigem toda uma logística: a bagagem de cada mulher é levada antes ao destino final, onde há rede, colchão, barraca, tudo organizado para a chegada do grupo. Elas passam a noite no local, e no dia seguinte, em festa, recebem maridos e filhos, que também integram o momento.

O grupo também se mobiliza socialmente. No fim do ano, organiza campanhas de doação de cestas básicas para pessoas em situação de vulnerabilidade, mostrando que o laço entre elas vai além da sela — é também empatia e solidariedade.

Em 2019, Fabiane Lemos perdeu seu marido, Admilson, um dos grandes incentivadores da cavalgada. Ele faleceu dias antes de uma das cavalgadas, que acabou sendo cancelada. Ainda assim, ela segue à frente do grupo com firmeza e amor, agora com o apoio da filha, que já participa ativamente e representa a continuidade dessa tradição feminina sobre o cavalo.

Para Fabiane, o grupo representa união, amizade, força e beleza. E mais do que tudo, representa o prazer de montar. Na emoção da chegada à praça, no brilho da camisa, na organização das cavalgadas ou no silêncio de uma noite de lua cheia no campo, o que une essas mulheres é o desejo de pertencer, celebrar e deixar marcas — montadas, altivas e de cabeça erguida.



Faixa do Desfile de 2019

GRUPO DE MONTARIA

COMITIVA PATROAS NA LIDA



As Patroas na Lida são, acima de tudo, símbolo de resistência e pertencimento. Elas seguem montadas — na sela, na história e na vida.

Era fevereiro de 2017 quando um convite entre primas e amigas deu origem a um grupo que hoje carrega com orgulho a força das mulheres do campo: Patroas na Lida. Filhas de produtores rurais das regiões de Santa Bárbara e Pedra Redonda, Diena e Sandra, entrevistadas e também idealizadoras do grupo, cresceram tendo o cavalo como parte da rotina — e da própria identidade.

"A gente sempre viveu isso. Desde pequena, acompanhando os pais nas cavalgadas, na roça, nos afazeres do campo. O cavalo sempre esteve com a gente", relembra Diena. A proposta surgiu da vontade de reunir mulheres que compartilham esse mesmo vínculo com a vida rural, com o cavalo e com a cultura da montaria.

O nome Patroas na Lida foi escolhido com intenção e cuidado. Elas queriam algo que refletisse a força feminina no campo e na vida. "A gente pensou em algo que mostrasse que somos mulheres de luta, de trabalho, mas também de beleza e de alegria. Patroas porque somos donas da nossa história. Na lida porque a gente vem da lida, do trabalho da roça mesmo", explica Sandra. O nome carrega a identidade de um grupo que honra suas origens e, ao mesmo tempo, mostra que mulher pode — e deve — ocupar todos os espaços.

A logomarca, criada ainda nos primeiros meses, também traduz essa essência: uma boneca de chapéu, firme e delicada, representando a bravura e a beleza da mulher sertaneja. Os traços do desenho foram pensados para mostrar que a força feminina está nos detalhes — na postura, no olhar, no laço com o cavalo e com a terra.

O grupo estreou oficialmente durante a Cavalgada da Tábua, em 2017. No mesmo ano, participou pela primeira vez do desfile cívico do 1º de julho, dentro das celebrações da Independência da Bahia. "Sabíamos que tinha um grupo de mulheres que desfilava, e quisemos também estar ali, mostrando nossa força", lembra Sandra. Nada foi feito de forma improvisada. As roupas, os acessórios, a arrumação dos animais — tudo pensado com cuidado e beleza, para que a presença do grupo fosse também uma mensagem: a mulher está na lida, mas não perde o brilho.

Hoje, as Patroas na Lida reúnem cerca de 30 mulheres de diversas idades — adolescentes, jovens, mães, senhoras — unidas pelo amor aos cavalos e pela convivência. Algumas têm seus próprios animais, outras contam com empréstimos de parentes e amigos. O desfile cívico do 1º de julho se tornou o principal momento do ano para o grupo. Cada edição é preparada com antecedência: novos trajes, novas cores, mas a mesma energia. "A gente investe mesmo. A roupa, o chapéu, os detalhes do cavalo... É o nosso momento de dizer: estamos aqui!", destaca Diena.

Após o desfile, é costume do grupo descer para a Praça da Catedral, onde fazem fotos e compartilham os registros nas redes sociais. "É muito bom saber que a gente inspira outras mulheres. Tem gente que chega pra dizer que se sentiu representada vendo a gente montada, desfilando", comenta com orgulho.

Mas o grupo é mais que montaria. É um espaço de afeto, parceria e apoio mútuo. "A gente ajuda umas às outras. Quando uma tá passando por dificuldade, o grupo se movimenta. Não é só cavalo, é união", diz uma das organizadoras. Elas também promovem cavalgadas próprias e participam de outras pela cidade, movimentando-se quase todo fim de semana — reflexo da forte cultura da montaria em Caetité.

Apesar de já terem criado um estatuto, o grupo não chegou a registrá-lo formalmente por conta dos custos e da necessidade de associação. Ainda assim, segue estruturado e atuante, com 9 mulheres na organização e a certeza de que estão ajudando a manter viva uma tradição herdada dos pais e avós. "A maior inspiração sempre foi nossa família. A gente aprendeu a montar com eles, e agora nossas filhas também estão aprendendo", contam.







CONCLUSÃO

Registrar a Memória Grupos de Montaria que participam do Dois de Julho de Caetité foi muito importante e gratificante. Adentrar nesse universo nos proporcionou escrever sobre aspectos da festa que poucos conhecem, ou só conhecem aqueles que se envolvem diretamente.

O que vimos foi muito interessante. Inicialmente constatamos a vocação centenária desta região no que diz respeito à criação, ao cuidado e ao gosto pelos animais. Observamos ainda como essa atividade foi se transformando e se profissionalizando com o tempo o que lhe agregou o valor que ultrapassa a tradição e a cultura sertaneja, inclusive no que se refere à sua participação na Festa do Dois de Julho de Caetité.

Esse trabalho nos possibilitou conhecer uma Caetité rural que se dedica há várias gerações à criação de animais. A lida diária é o pano de fundo de centenas de cavaleiros e amazonas que em alguns momentos no ano deixam o trabalho para também desfrutarem de momentos de lazer com as cavalgadas e com a Festa de Dois de Julho, onde o histórico e cívico ganham um tom lúdico, popular e particularmente sertanejo.

Ao longo das entrevistas nos deparamos com falas muito próprias e emocionadas que refletem o significado e a importância das montarias nesta festividade e o empenho de cada grupo para fazer a melhor apresentação e organizar da melhor forma possível a confraternização pós desfile.

Este último item tem se destacado entre os grupos, tivemos a sensação de que atualmente existem muitas festas dentro de uma festa maior que é o Dois de Julho e isso tem dado um caráter diferenciado e particularizado ao que ocorre nas Celebrações da Independência da Bahia em Caetité.

Neste sentido, observamos um cuidado e um investimento amplo por parte dos integrantes. Pelo conjunto e complexidade da festa, os grupos começam a se organizar com meses de antecedência. São muitas providências a serem tomadas: a escolha das camisas, a confecção das faixas, bandeiras, organização de carros alegóricos, a contratação dos serviços que envolvem a confraternização pós desfile, a alimentação, sem contar o trato extra com os animais, a cela, os arreios, etc.

Tudo é pensado com o único objetivo: fazer uma bonita festa de Dois de Julho, que na verdade começa no dia primeiro a noite com o charme das amazonas dos grupos femininos.

Historicamente, muitas mulheres caetiteenses estiveram presentes na organização da Festa do Dois de Julho mas há pouco mais de uma década, elas ocuparam um espaço tradicionalmente masculino: passaram a se organizar em grupos de montaria exclusivamente femininos que participam da Levada da Cabocla e também realizam suas cavalgadas durante o ano.

Essas e outras particularidades precisavam ser registradas para que outros e outras conheçam e valorizem.

Apesar de todo o nosso empenho para que esses registros fossem feitos e publicados, é preciso esclarecer que este, foi um esforço inicial de escrita sobre os Grupos de Montaria que participam do Dois de Julho em Caetité. Eles representam um ponto de partida para muitas outras possibilidades de registro das memórias e histórias que ainda estão por serem escritas.



PALAVRAS FINAIS

Ao virar esta última página, esperamos que algo permaneça aberto: o desejo de continuar contando, vivendo e celebrando o Dois de Julho em Caetité.

Nesta edição, percorremos caminhos profundos da história baiana, agora iluminados por um novo olhar: o do Sertão como força, território de resistência e protagonista nas lutas pela independência. Com a participação de professores, estudantes, pesquisadores e comunidade, celebramos não só os fatos, mas os afetos que envolvem essa data há mais de um século.

Nas escolas, o projeto Dois de Julho ganhou vida nas atividades pedagógicas, que provocaram reflexões e criações intensas sobre o sertão. O concurso Olhares sobre o Sertão, com participação ativa dos estudantes da Rede Municipal, revelou talentos e sensibilidades por meio de desenhos, cordéis, poemas, acrósticos e releituras artísticas — uma verdadeira travessia poética e estética da nossa identidade sertaneja.

Também abrimos espaço para a memória: aquelas individuais e coletivas que revelam o Dois de Julho como parte da vida das pessoas. E fizemos história com a criação do dossiê dos grupos de montaria — um registro inédito que dá voz e forma a uma tradição fundamental da festa, presente nas ruas, nas rédeas, nos ritmos e nos corações.

Mais que uma revista, este é um documento vivo da nossa cultura. Um retrato que se movimenta entre o ontem e o hoje, que preserva, emociona e convoca.

Convocamos você, leitor, para fazer parte da próxima edição. Que tal contar sua memória? Falar das suas lembranças mais marcantes, da emoção de ver o desfile, dos sons, das cores, das pessoas, dos detalhes que só você guarda? Sua história também constrói a história do Dois de Julho.

Que esta revista tenha deixado em você o gosto do Sertão — e o gosto de quero mais.

Nos reencontramos no próximo ano.

Nos reencontramos no Dois de Julho.

Maria José Couto Goncalves & Fernanda de Oliveira Matos



Hino ao 2 de Julho

Nasce o Sol a dois de julho
Brilha mais que no primeiro
É sinal que neste dia
Até o Sol, até o Sol é brasileiro

Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações

Cresce, ó filho de minh'alma
Para a Pátria defender
O Brasil já tem jurado
Independência, independência ou morrer

Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações

Salve, ó rei das campinas
De Cabrito a Pirajá
Nossa pátria, hoje livre
Dos tiranos, dos tiranos não será

Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Nunca mais, nunca mais o despotismo
Regerá, regerá nossas ações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações
Com tiranos não combinam
Brasileiros, brasileiros corações

Composição: Ladislau Dos Santos Titara